



Hélder Manuel Neves Sampaio

**MOBILIDADE OU FUGA DOS CÉREBROS?
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE 3 GRUPOS DE ESTUDANTES
EM ÁREAS DE FORMAÇÃO DISTINTAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
2010

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Mobilidade ou fuga dos cérebros? Um estudo comparativo entre 3 grupos
de estudantes em áreas de formação distintas**

Dissertação apresentada pelo aluno Hélder Manuel Neves Sampaio na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Doutor Félix Fernando Monteiro Neto.

Outubro de 2010

Resumo

A migração é um recorrente e marcante fenómeno na sociedade portuguesa, que tem vindo, desde os anos 60, a estreitar caudal mas alargando nas tipologias dos migrantes. Com o intuito de investigar as intenções migratórias actuais e o modo como se manifestam numa população ainda pouco contemplada, de modo a explorar se existe um projecto migratório saudável para o país, projectou-se um estudo comparativo entre jovens frequentadores do ensino universitário de 3 faculdades distintas. O estudo propõe-se escrutinar se existe intenção de emigrar, quais as atitudes que a impelem ou contêm, e ainda, qual a influência que desempenham determinados factores como a proveniência académica, o género, a satisfação com a vida ou a auto-estima.

Assim, foi aplicado a uma amostra por conveniência de 300 estudantes universitários, divididos homogeneamente por género e pelas 3 faculdades, um questionário baseado na perspectiva Push, Pull, Anti-Push e Anti-Pull ao qual foram adicionadas a escala de satisfação com a vida (SWLS), e a de auto-estima de Rosenberg (RSES), juntamente com outras questões. A partir dos dados obtidos, avançou-se para o seu tratamento estatístico, principalmente com análises de variância e correlações entre variáveis, recorrendo-se também, a metodologias de análise de conteúdo.

Verificou-se que, no geral, existe um leque de países encabeçado pela Inglaterra, que recolhe a maior parte da preferência da amostra. A atitude Push mostrou-se como a mais vincada devido, principalmente, aos dados evidenciados pelos indivíduos do sexo feminino. No geral, não parece existir uma forte intenção de emigrar, e não se encontraram divergências no campo da auto-estima e satisfação com a vida nessa motivação. As perspectivas por faculdades são um pouco distintas, e os jovens dos grupos Feup e Fpceup mostram-se mais inclinados para migrar por motivos de trabalho, ao passo que os do Icbas, mostram maior intenção de partir para estudar.

Abstract

Migration is a marking and recursive phenomenon in the Portuguese society that has come since the 60's narrowing its flow but widening in migrants typologies. In order to explore the current migratory willingness and how do it comes up in a poorly-studied population, so as to inquire if there is an healthy migratory project to the country, a comparative study between college attending youth from 3 different faculties has been lined-up. The study aims to uncover if there is willingness to migrate, which attitudes encourage or contain it, and what is the influence some factors such as college subject, gender, satisfaction with life or self-esteem have in it.

Therefore, an inquiry based on the Push, Pull, Anti-Push and Anti-Pull perspective, to which the Satisfaction With Life Scale (SWLS), Rosenberg's Self-Esteem Scale (RSES) and other questions were added, has been applied to a convenience collected sample composed of 300 college attending students, divided equally by faculties and gender. On the data acquired, a series of statistical analysis were conducted, mostly simple variance and correlation ones. Content analysis was applied as well.

Generally, it has been found that a series of countries cumulate most of the sample's preferences, with England leading the list. The Push attitude appeared to be the starker, mostly among the results shown by the feminine gender. In general, the willingness to migrate isn't high, and the satisfaction with life or self-esteem didn't reveal differences in that motivation. When it comes to faculties' perspectives, it has been found that the Feup and Fpceup students display an higher intention to migrate due to work motives, while the Icbas ones privilege studying motives.

Résumé

La migration est un phénomène marquant et récurrent dans la société portugaise; son flux a décru dès les années 60, malgré que les typologies des émigrants se soient élargies. Dans le but de rechercher les intentions migratoires actuelles, la façon dont elles se manifestent chez une population peu contemplée dans ces études et d'explorer s'il existe un projet migratoire salubre pour le pays, il s'est profilé une étude comparative entre des jeunes de l'enseignement supérieur appartenant à trois facultés différentes. L'étude a consisté à rechercher si l'intention d'émigrer existe; quelles sont les attitudes qui l'incitent ou la retiennent, mais encore, quelle est l'influence des facteurs comme la provenance académique, le genre, la satisfaction de vie, ou l'estime de soi.

Un questionnaire basé sur la perspective de Push, Pull, Anti-Push et Anti-Pull a ainsi été proposé à un échantillon de 300 étudiants universitaires, divisés de façon homogène par genre et selon les trois Facultés. Au questionnaire ont été ajoutés des échelles de satisfaction de vie (SWLS) et d'estime de soi de Rosenberg (RSES), ainsi que d'autres questions. Avec les données obtenues, on a effectué une analyse statistique, principalement l'analyse de la variance, les corrélations entre variables et également fait appel aux méthodologies d'analyse de contenu.

Il a globalement été constaté qu'un ensemble de pays recueille la plupart des préférences, étant l'Angleterre à la tête de l'ensemble. L'attitude Push s'est montrée la plus accentuée, principalement en raison des données démontrées par les individus du sexe féminin. Les données montrent aussi que de façon générale, il ne semble pas exister une forte intention d'émigrer et ne se trouvent pas de divergences au niveau de l'estime de soi et satisfaction de la vie dans cette motivation. Les perspectives par facultés sont à peine distinctes, les jeunes du group Feup et Fpceup se montrent plus motivés pour migrer pour des motifs de travail alors que les jeunes du Icbas montrent une intention plus forte de partir pour étudier.

Agradecimentos

A todos os que me viram dar um passo
A todos os que deram passos comigo
Ao chão onde dei os passos
Ao horizonte onde quero dar
A quem que me queira acompanhar
A quem não me diga onde chegar
A quem caminha a meu lado
A quem partilha mais que o andar
A quem, eu ao caminhar
Consiga fazer mais do que andar

À minha família, incondicionalmente.

Ao Zé Luís, à Correia e em especial, à Raquel pela ajuda e motivação.

Ao Bruno e Adrien, pela ajuda na tradução.

À Mónica, pela inspiração e alento sem fronteiras.

Abreviaturas

2PAP - Push/Pull/Anti-Push/Anti-Pull

CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço

CEE – Comunidade Económica Europeia

dp – Desvio padrão

F – rácio F

FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

FPCEUP – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

ICBAS – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

IMMS – Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída

INE - Instituto Nacional de Estatística

IOM – International Organization for Migration

m – Média

n – Número de sujeitos

PIB – Produto Interno Bruto

SPSS – Statistical package for the Social Sciences

SWLS – Satisfaction With Life Scale

UE – União Europeia

UE 27 – União Europeia com 27 membros

ISCED – International Standard Classification of Education

r – Coeficiente R de Pearson

RSES – Rosenberg Self-Esteem Scale

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÓMENO DA EMIGRAÇÃO NA POPULAÇÃO PORTUGUESA	7
1.1.1 Do SÉCULO XV ao XVI	7
1.1.2 Do SÉCULO XVI ao XIX	8
1.1.3 O SÉCULO XX	9
1.1.4 A PREFERÊNCIA DE DESTINOS	10
1.1.5 Finais do SÉCULO XX	15
1.1.6 Estatísticas actuais	17
1.2 TEORIAS SOBRE A MIGRAÇÃO	17
1.2.1 PERSPECTIVA NEO-CLÁSSICA	17
1.2.2 TEORIA DA DEPENDÊNCIA	18
1.2.3 PERSPECTIVA DO CAPITAL HUMANO (HUMAN CAPITAL THEORY)	18
1.2.4 PERSPECTIVA DA REDE EMIGRATÓRIA (NETWORK APPROACH)	19
1.2.5 PERSPECTIVA PUSH/PULL/ANTI-PUSH/ANTI-PULL (2PAP)	19
1.3 ALGUNS ESTUDOS SOBRE O FENÓMENO	20
1.4 MOBILIDADE DE CÉREBROS	21
1.5 ESTIMA E SATISFAÇÃO COM A VIDA NOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS	22
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	23
2.1 OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO	23
2.2 AMOSTRA	24
2.3 INSTRUMENTO	25
2.3.1 CONSTITUIÇÃO DO QUESTIONÁRIO	25
2.3.2 ESCALAS UTILIZADAS	26
2.3.3 MÉTODOS DE ANÁLISE	28
2.4 PROCEDIMENTO	29
CAPÍTULO III - RESULTADOS	30
3.1 PAÍSES ELEITOS E PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES	30
3.1.1 País eleito	30
3.1.2 Relação entre país, faculdade e género	30
3.2 PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES DERIVADAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	31
3.2.1 DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS	31
3.2.2 PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES POR PAÍSES PREDILECTOS	31
3.2.3 DISTRIBUIÇÃO POR FACULDADE E GÉNERO	32
3.3 ATITUDES PUSH/PULL/ANTI-PUSH/ANTI-PULL	32
3.3.1 FACTORIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	32
3.3.2 DISTRIBUIÇÃO DAS MÉDIAS DAS VARIÁVEIS 2PAP PELA FACULDADE E GÉNERO	34
3.3.3 CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS 2PAP COM OUTRAS VARIÁVEIS	34
3.3.4 ANÁLISE POR FACULDADE E GÉNERO	34
3.4 INTENÇÃO DE EMIGRAR	35
3.4.1 ESCALA DE INTENÇÃO DE EMIGRAR	35
3.4.2 CORRELAÇÕES ENTRE AS ATITUDES 2PAP E AS VARIÁVEIS DA ESCALA DE INTENÇÃO DE EMIGRAR	35
3.4.3 A INTENÇÃO DE EMIGRAR TEMPORÁRIO/PERMANENTE, PARA TRABALHAR/ESTUDAR	36
3.4.4 CORRELAÇÕES DA INTENÇÃO DE EMIGRAR TEMPORÁRIO/PERMANENTE, PARA TRABALHAR/ESTUDAR, COM OUTRAS VARIÁVEIS	37
3.4.5 CRUZAMENTO DA INTENÇÃO DE EMIGRAR TEMPORÁRIO/PERMANENTE, PARA TRABALHAR/ESTUDAR, COM OUTRAS VARIÁVEIS	37
3.5 DISTRIBUIÇÃO DAS VARIÁVEIS 2PAP, DE INTENÇÃO DE EMIGRAR TEMPORÁRIO/PERMANENTE, PARA TRABALHAR/ESTUDAR, E REPRESENTAÇÃO, PELOS PRINCIPAIS PAÍSES	37

3.5.1 REPRESENTAÇÃO DOS PORTUGUESES NO PAÍS	37
3.5.2 CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS COM OS PRINCIPAIS PAÍSES	38
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO DE RESULTADOS	39
4.1 RESULTADOS GERAIS	39
4.1.1 PAÍSES PREFERENCIAIS E MOTIVOS PARA A ESCOLHA DESSES PAÍSES	39
4.1.2 MANIFESTAÇÃO DAS ATITUDES <i>PUSH/PULL/ANTI-PUSH/ANTI-PULL</i>	39
4.1.3 EXPRESSÃO DAS INTENÇÕES DE EMIGRAR	40
4.2 ANÁLISE COMPARATIVA POR FACULDADES E GÉNERO	41
4.2.1 GRUPO FEUP	41
4.2.2 GRUPO ICBAS	41
4.2.3 GRUPO FPCEUP	42
4.2.4 DIFERENÇAS DE GÉNERO	42
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO	43
5.1 CONCLUSÃO	43
5.2 REFLEXÃO FINAL	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

Índice de Anexos

ANEXO I - Questionário

ANEXO II - Frequências dos países eleitos

ANEXO III - Frequências e enquadramento das motivações Push e Pull, na questão aberta

ANEXO IV - Distribuição de frequências dos itens da resposta aberta pela faculdade e género

ANEXO V - Médias e diferenças significativas nas questões do questionário 2PAP

Introdução

Partamos para este estudo com uma sucinta passagem pelo campo da Biologia, na tentativa de recolher alguns aspectos sobre o fenómeno da migração.

Assumindo que é admirável algumas espécies não migrarem, uma vez que em certos períodos de tempo as condições são melhores noutros locais (Fretwell, 1980 in Sutherland, 1996), a biologia define o conceito de Migração Parcial. Este fenómeno refere-se ao facto de numa determinada população, alguns indivíduos migrarem e outros não (Lundberg, 1988, Swingland, 1983 in Sutherland, 1996). Migrar é uma resposta às variações do meio ambiente que, no entanto, não é o único responsável pelo fenómeno (Kaitala et al., 1993 in Sutherland, 1996). Entre outras prováveis influências, estão: a idade, o sexo, e a possibilidade de ser uma estratégia evolucionária estável (Kaitala et al., 1993; Lundberg, 1987 in Sutherland, 1996). Por outro lado, nas espécies que migram, existem provas de que alguns grupos são rápidos a alterar o seu percurso de modo a obter maiores ganhos, ainda que correndo mais riscos, enquanto que outros, se mantêm pelo que sempre seguiram não correndo tantos riscos mas não obtendo, por vezes, os ganhos ideais (Sutherland, 1996).

Transportando à população humana, refira-se que entre 1650 e 1850, se estimava em cerca de 200 anos o tempo necessário para que esta se duplicasse. Esse valor veio a decrescer, e actualmente crê-se que são necessários menos de 35 anos devido ao melhoramento contínuo das condições de vida e avanços tecnológicos (Whittaker, 1975), resultando numa presumível, e cada vez maior, competição pelas melhores oportunidades e bem-estar. Não será que para nós, tal como no mundo dos animais ditos irracionais, a migração se constitui como uma estratégia quase inata, no sentido de obter a realização pessoal, que no nosso caso não passa só por alimento ou reprodução?

A migração é sucintamente, um fenómeno de mobilidade espacial que supõe um movimento entre 2 locais (Greenwood, 2005). É uma realidade dinâmica, impulsionada por variadas razões, que se manifesta de modo temporário, permanente ou circular, individualmente ou em grupo (Kahanec & Zimmermann, 2008). A nível mundial e desde o inaugurar do século, foi executado por 1 em cada 35 pessoas (IOM, 2003) assumindo-se como um fenómeno presente, ainda que de formas distintas, em quase todos os países. De facto, Straubhaar e Zimmermann (1993), previam que na UE, este fenómeno seria um dos mais marcantes temas de estudo durante o presente século, dada a sua importância económica, social e política quer para os indivíduos, quer para os países. A relevância do movimento, contudo, já se assumia importante há mais tempo, senão vejamos o Tratado de Roma de 1957, documento fundador da CEE, que proclamava o livre movimento de trabalhadores entre países membros, e postulava o fim da discriminação nas condições de trabalho para os mesmos (Zimmermann, 1995). Actualmente, a mobilidade geográfica é de facto, um dos aspectos mais simbólicos da UE, e como tal, compreendem-se os movimentos

fronteiriços ou até de maior escala entre os países comunitários, devido à facilidade de cruzar as fronteiras (Arroteia, 1998).

Como se poderá constatar adiante, a migração, é um fenómeno que marca a história recente de Portugal e uma realidade actual, directa ou indirecta para muitos portugueses. Os grandes fluxos que partiram do país, tiveram na sua maioria como motivos, as más condições económicas e/ou sociais, e a procura de melhores oportunidades. Em última análise, o emigrante é um bem económico que ao investir o seu ganho no país de origem o impulsiona economicamente, mas ao mesmo tempo, dá-lhe a perder força laboral e reivindicativa que também são de fulcral importância, para que a mesma circunstância económica que lhe ditou a saída, se modifique (Costa, 1973).

Uma vez que o conceito de migração é de tal maneira multifacetado e abrangente, não existe um racional teórico único, senão uma pluralidade de teorias que remetem maior atenção para um ou outro factor na sua abordagem (Arango, 2000). É, no entanto, algo compreensível, quando se aborda uma realidade que incorpora tantas variáveis inter-relacionadas e actua num campo bastante dinâmico e mutável. De facto, como também menciona Arango (2000), o total deste conhecimento deve mais aos estudos práticos apartados da teoria, que à elucidação provinda das mesmas. Nesta investigação, o instrumento adoptado baseia-se nos princípios da teoria Push/Pull e os resultados, ainda que também interpretados sobre este paradigma, não excluem elementos importantes de outras teorias, na tentativa de não reprimir o seu potencial.

A presente investigação incide sobre a vontade de trabalhar ou estudar num outro país, de jovens entre os 18 e os 25 anos, frequentadores de uma das 3 faculdades visadas, ou seja, pode falar-se do estudo da potencial mobilidade dos cérebros e das diferenças que existem consoante a formação de fundo. O número de pessoas entre os 20 e os 29 anos no nosso país, com uma qualificação escolar de nível terciário, de acordo com os critérios do (ISCED 1997), é de 250.3 mil (Eurostat, 2010). Para esta população, o fenómeno migratório (que pode ser considerado como mobilidade de cérebros) está ainda pouco contemplado, devido fundamentalmente à grande diferença de volume entre este contingente e o de indivíduos com baixa ou média qualificação escolar (Peixoto, 2001).

Na tentativa de radiografar uma classe que em muito pode contribuir para o desenvolvimento do país, mas que ao mesmo tempo, é produto desse desenvolvimento, este estudo procura explorar alguns aspectos ainda pouco conhecidos desta realidade emigratória, nomeadamente: ao visar uma população jovem, prestes a formar-se e a entrar no mercado de trabalho ou a partir para outra formação; ao tentar desvendar se existe relação entre a vontade de emigrar e a auto-estima e satisfação com a vida; ao ter em conta não só o contexto europeu mas mundial, sendo que a maior parte dos poucos estudos na área se resumem ao primeiro; ao comparar diferentes trajectos formativos; e por fim, ao fornecer dados de investigação, permitindo que o fenómeno se desvende e compreenda,

para que os seus benefícios e prejuízos sejam alvo de maior atenção política, social e económica. Do mesmo modo, é pretendido integrar 2 pontos comumente anotados como negligenciados nesta área: a análise da propensão para estudar e não só a de trabalhar; e, a tomada em consideração de aspectos como a auto-estima, satisfação com a vida e os factores Anti-Push/Anti-Pull, enquanto variáveis potencialmente diferenciadoras entre quem manifesta vontade de emigrar e quem não a mostra (Arango 2000). Existem já alguns estudos que abordam a teoria 2PAP, distinguindo entre a vontade de trabalhar e estudar (de Gómez, Rubio, Allué & Mullet, 2002; Mullet, Dej, Lemaire, Raiff & Barthorpe, 2000; Mullet & Neto, 2000), e outros que integram outras variáveis (como as motivações para o sucesso, poder e afiliação) para perceber também porque não se emigra (Boneva, Frieze, Ferligoj, Pauknerová, & Orgocka, 1998).

Ao longo desta dissertação, procurar-se-á descrever o quadro histórico da emigração em Portugal, apresentar as teorias mais relevantes no campo, exhibir os resultados obtidos, e por fim, concluir sobre o que se encontrou, e quais as relações finais de toda a investigação.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1.1 Contextualização histórica do fenómeno da emigração na população portuguesa

Numa perspectiva histórica, a relação entre emigração e o povo português, sempre se uniram de tal modo que é difícil definir tal povo sem apontar à realidade migratória. Apesar de não existirem dados estatísticos concordantes em toda a dimensão histórica do fenómeno, devido sobretudo à emigração clandestina, é viável enumerar quais os principais destinos dos portugueses e quais as principais razões que levam a optar por determinados pontos geográficos. Esta exploração pode ser considerada inglória, mas efectivamente útil. Afirma-se o primeiro porque não se contextualiza o fenómeno especificamente para a população abrangida neste estudo, no entanto, os precedentes históricos contribuem de modo relevante para compreender e explorar os fluxos actuais, ainda que heterogéneos.

1.1.1 Do século XV ao XVI

No início do século XV, com o início dos movimentos transoceânicos, período vulgarmente denominado de “Descobrimentos”, os portugueses, e também o reino de Castela numa fase inicial, ofereceram à Europa as possibilidades de expansão para outros continentes. As novas linhas de navegação no oceano Atlântico, Índico e posteriormente Pacífico permitiram aos portugueses os primeiros movimentos para fora do reino (Garcia, 1998). Daí resultou a descoberta “dos arquipélagos atlânticos (Madeira em 1419, [...] Açores em 1427; algumas ilhas de Cabo Verde em 1460; São Tomé e Príncipe entre 1470 e 1472” (Rocha-Trindade, 1992: 3), de Ceuta em 1415 e de um conjunto de territórios na costa ocidental africana. Posteriormente alcançaram também, entre outros locais, a Índia, China e Japão culminando com a descoberta do Brasil em 1500 (Costa, 1973; Rocha-Trindade, 1992).

Em harmonia com a visão de expansão do reino, os locais alcançados foram ocupados de modo a que servissem quer para controlar as rotas marítimas descobertas, e mantê-las livres de concorrência, quer para servir como entrepostos comerciais e militares, que prestariam ao mesmo tempo apoio a outras incursões marítimas. Como resultado da necessidade de ocupação destes territórios, surgiram as primeiras vagas de emigração para fora do país e direccionada para os pontos de interesse ao longo do mapa então desvendado (Garcia, 1998).

As conseqüentes e profícuas relações entre Portugal e a Índia, juntaram este país asiático ao Brasil, enquanto principais pontos de chegada para os emigrantes portugueses, até ao início do século XVI (Serrão, 1982). Este último, assumiu-se como destino preferencial durante os 2 séculos seguintes (Garcia, 1998).

1.1.2 Do século XVI ao XIX

A hegemonia do Brasil, enquanto país alvo do grosso da emigração portuguesa a partir do século XVI até ao século XVIII, teve origem em dois factores fulcrais. O primeiro resultou da perda da influência portuguesa no oriente para os ingleses e holandeses, no decorrer da segunda metade do século XVI, em parte devido à perda da soberania nacional para Castela entre 1580 e 1640 (Serrão, 1982). O outro factor de maior importância, figura junto da necessidade de europeus coordenarem a mão-de-obra escrava nas actividades agrícolas, dirigindo-se para o Brasil ao serviço do reino. Juntavam-se-lhes indivíduos de classes mais modestas, enfeitiçados pela busca da riqueza fácil através do cultivo de tabaco, da cana-de-açúcar e mais tarde, pelo fim do século XVII, pela descoberta de minérios preciosos (Garcia, 1998).

No século XIX um conjunto de acontecimentos vai alterar o panorama mundial o que se irá reflectir no âmbito do tema em questão, numa mudança estrutural que nem por isso altera o destino preferencial dos emigrantes portugueses, o Brasil.

Com a independência deste país em 1822, ainda que se mantivessem os costumes, a língua e estruturas comerciais administrativas, tornava-se agora um destino estrangeiro para os portugueses, o que em parte pode ter influenciado o aumento do registo de partidas para os Estados Unidos, principalmente de insulares (Rocha-Trindade, 1992). Também no mesmo século, a abolição total da escravatura em 1888, juntamente com a marca da revolução industrial, agitaram a dinâmica migratória nacional já que se estima que cerca de 1,5 milhões de portugueses fizeram a travessia do Atlântico entre 1822 e 1899 (Rocha-Trindade, 1992). Os motivos de tal êxodo prendem-se com a política imigratória brasileira de colmatar a necessidade de mão-de-obra, de maneira a satisfazer a exigência da sua economia, na altura assente na cultura do café e algodão (Arroteia, 1985). Também o atraso da incorporação nas políticas nacionais vigentes dos pressupostos da revolução industrial, e a progressiva passagem a um sistema capitalista, criaram um mal-estar entre aqueles que almejavam as melhores condições de vida e que como tal, se viam direccionados e até certo ponto ainda arrebatados pelo mito do enriquecimento fácil noutro país (Serrão, 1982). De facto, é no final do século XIX que se regista a mais importante afluência para o Brasil, com um total de 93.1% do total da emigração neste período, e cingindo-se este número apenas a saídas legais (Garcia, 1998).

Considerando que está presente desde o século XIV até ao século XIX o fenómeno migratório, são bastante distintas as condições e motivações por detrás das correntes. Como sugere Joel Serrão (1982) considere-se emigração um conceito do qual colonização faz parte. Sendo assim, de todo o fenómeno migratório, a colonização seria um movimento “devido ou à iniciativa do Estado ou integrado em empresa de âmbito nacional por ele promovida” (Serrão, 1982: 88) e emigração apontaria apenas para o movimento feito

somente com motivações idiossincráticas. Sendo assim é possível inferir que a emigração com motivos pessoais surge verdadeiramente a partir deste momento.

Entre finais do século XVIII e inícios do século XIX, começa a ganhar um novo significado a definição de outro país cujas condições aí existentes serviriam de plataforma para uma ascensão sócio-económica. Enquanto Portugal acompanhado em certa medida por Itália e Espanha se atrasam na adesão às políticas capitalistas e ao movimento industrial, os países além Pirenéus evoluíam e acabariam por se tornar centros imigratórios também para os portugueses no século vindouro. A dificuldade crónica de Portugal acompanhar os avanços, nomeadamente a partir deste momento, é tida como uma das razões para a emigração, como fenómeno recorrente no país (Serrão, 1982).

1.1.3 O século XX

Com a revolução industrial e melhoria das condições de vida, os países industrializados e aqueles por si directamente influenciados, amealharam excessos demográficos que foram proclamados pelo Novo Mundo e pela sua atractividade à mão-de-obra europeia. Ao mesmo tempo, na Europa, tornava-se mais fácil a mobilidade entre lugares, através dos comboios e dos caminhos-de-ferro que transportavam as pessoas das regiões interiores até às grandes metrópoles, onde permaneceriam ou tinham a possibilidade de cruzar o Atlântico (Serrão, 1982). Assim, as cidades de Lisboa e Porto serviriam como intermediários, quer acolhendo a migração interna decorrente de êxodo rural, quer possibilitando a saída para destinos internacionais (Rocha-Trindade, 1992).

Até ao início da década de 60, os portugueses defrontavam-se com salários mais baixos que os países do norte e centro europeu, baixa possibilidade de mobilidade social, predominância de métodos pouco avançados na agricultura (que ocupava 45% da população activa), e pouca acessibilidade a boas condições de vida. Juntavam-se a estas, outras razões directamente ligadas ao regime vigente, como o escape à mobilização para a guerra colonial e a censura à liberdade de expressão. A partir de 1960, reformas na indústria encurtaram a distância para as economias europeias, levando ao aparecimento de urbes, que apelariam à mão-de-obra rural excedentária. No entanto, a ainda precária estrutura económica, acabaria por não permitir a conveniente absorção desta força de trabalho, que procurou alternativas. Supõe-se que terão sido estes, os motivos internos de força maior, para o fluxo da década de 60 (Arroteia, 1998; Costa, 1973; Garcia, 1998).

De facto, os portugueses que optaram pela migração no período compreendido entre os anos 50 e 1988, faziam-no, na sua grande maioria, por motivos financeiros. Ainda que por vezes encontrassem condições difíceis para viver e trabalhar, tivessem dificuldade em ser promovidos ou em tentar um negócio próprio, nomeadamente na Europa, o vencimento era superior ao obtido em Portugal. Eram na sua maioria homens solteiros, com poucos

recursos, qualificações escolares baixas, e em idade activa entre os 15 e os 34 anos. A partir de 1975 aproximam-se os valores do número de mulheres que emigram, sendo que na década seguinte se regista a maior percentagem com 43.9% do total de migrantes. Faziam-no sobretudo com o intuito da reunificação familiar com os já emigrados. Os dados relativamente às habilitações escolares pecam por falta de especificidade, já que apenas dividiam entre a população analfabeta e alfabetizada, no entanto, permitem concluir que a partir de 1978, os primeiros, não ultrapassavam os 5% e para o período entre 1950 e 1988 perfizeram 13% do total (Garcia, 1998).

Tendo em conta estes cenários, interno e externo, a opção de emigrar para outros países, tornava-se predilecta. A troca de impressões com outros emigrantes regressados definitivamente ou de férias, ou com pessoas ligadas a experiências de vida migrante e ainda a possibilidade de inclusive, visitar o local para averiguar as condições, devido à maior facilidade de transporte, serviram como catalisador para este processo na Europa (Garcia, 1998).

1.1.4 A preferência de destinos

Considera-se o fenómeno da emigração portuguesa como um todo envolvendo Portugal continental e as regiões autónomas, no entanto, existem países e rotas preferenciais, herdadas das fluências históricas, para cada um dos dois. Não se apresentam exclusivas nem sequer hegemonicamente dominadoras, mas expressam um favoritismo decorrente de migrações anteriores. Explica-se assim, a maior concentração em alguns destinos por parte dos portugueses, devido ao fenómeno de especialização de destinos, isto é, um potencial destino emigratório era fortemente influenciado pelo trajecto dos antecessores, família, conhecidos ou apenas conterrâneos, que eram ao mesmo tempo, testemunhas da possibilidade de sucesso ou não, no designado local (Garcia, 1998). Portanto, era prática comum, pessoas de origens idênticas emigrarem para os mesmos lugares. Como tal, no século XX, as rotas de cariz principal partiam: dos Açores para os EUA e Canadá; da Madeira para a África do Sul e Venezuela; e do Continente para o Brasil e destinos europeus (Esteves, 1991). Esta divisão, em nada rígida, baseada somente na naturalidade permite a caracterização de cada destino principal.

EUA

O fluxo para os EUA atinge o seu auge enquanto país receptor já no século XX, culminando o crescimento que se vinha a verificar ao longo do século anterior. Quase todos assentavam entre a costa este, a Califórnia e o Hawaii. O grande quinhão de partidas de portugueses para este destino pertenceu aos Açores, invertendo-se apenas nos anos 80.

Como as condições eram cada vez mais precárias no arquipélago açoriano durante o século XIX e seguinte, a busca do bem-estar económico passou pela emigração para os EUA. Até aos anos 30 supõe-se que emigravam essencialmente homens solteiros entre os 16 e os 29 anos de idade sem qualificação profissional específica. Assim, os destinos preferenciais assumiram este estatuto, devido à sintonia que existia entre a necessidade de mão-de-obra de certos estados e o trabalho ao qual se propunham os insulares. Os ramos que absorveram grande parte da corrente foram o trabalho industrial em Massachusetts, a caça à baleia e o cultivo da cana-de-açúcar no Hawaii, e a busca ao ouro e agricultura na Califórnia nos finais do século XIX. A partir dos anos 90, é possível inferir que os EUA mantêm a atractividade para os portugueses que buscam melhorar o seu nível sócio-económico (Garcia, 1998).

Canadá

Presume-se que antes de 1950, os emigrantes para o Canadá sejam, na sua maioria homens, exploradores que posteriormente se ocuparam das pescas e expedições enquanto as mulheres se ocupavam da casa e da agricultura juntamente com os filhos mais velhos. A emigração para este país assume números relevantes a partir dos anos 50, e atinge o pico entre as 2 décadas seguintes. Emigravam particularmente jovens do sexo masculino, com idades entre os 22 e os 30 anos, que em grande parte acabariam por voltar a Portugal para usufruir do tempo de reforma. Eram solteiros ou casados, sendo que no último caso, tinham intenções de mais tarde trazerem as famílias. Para este destino, também as ilhas registaram um maior fluxo em termos gerais, e em termos particulares, foram os Açores a servi-lo com mais presenças. Isto explica-se em parte pela melhor acessibilidade entre linhas aéreas e marítimas, e por outro lado, pela existência de protocolos governamentais entre esta região autónoma e o país em questão. Entre os emigrantes, as oportunidades de emprego dividiram-se entre o trabalho essencialmente no sector primário para os menos qualificados e a exploração de pequenos negócios por parte da classe média (Garcia, 1998).

África do Sul

Este fluxo começou por volta de 1950, e era constituído na sua grande maioria por madeirenses provindos de classes sociais modestas, dando seguimento à rota que se supõe ser a principal entre os 2 países pré-anos 50. Fixaram-se sobretudo entre Rand e Joanesburgo. Os períodos de maior emigração situaram-se entre os anos 50 e 60, alcançando números não significativos a partir dos anos 70, devido ao crescente interesse pelos países europeus. Porém, a partir de 1975, com a independência de Moçambique, portugueses com altos níveis de escolaridade e liberais de profissão, trocaram a ex-colónia

pela África do Sul. Ainda que os números não estejam presentes nas estatísticas dos volumes emigratórios do continente, precisamente por saírem da ex-colónia, sabe-se que a sua integração na comunidade portuguesa contribuiu para uma estratificação diferente da registada nos anteriores destinos emigratórios. Se previamente a colectividade portuguesa era vista como inactiva nas lides sociais e políticas, como trabalhadores empenhados mas com pouca escolarização e até certo ponto discriminados, esta nova vaga trouxe uma renovada dinâmica ao patamar social, através da sua envolvência na vida política e económica. O devir desta conjuntura, levou a que pelos finais do século XX a maior parte da comunidade portuguesa ali presente seja qualificada e tenha até desenvolvido empresas que se destacam no panorama económico do país (Garcia, 1998).

Venezuela

A torrente de emigrantes para a Venezuela é caracteristicamente semelhante àquela que se dirigiu para a África do Sul em termos de predomínio da proveniência, de qualificação literária dos portugueses e de época em que se tornou expressiva. Entre 1950 e 1959, época em que se tornou significativa, a emigração para este país foi superada apenas por aquela dirigida ao Brasil. Os portugueses que ali chegavam, dedicavam-se de grosso modo às actividades agrícolas ou a trabalhos decorrentes do baixo estatuto sócio-económico e nível de qualificação. Nas décadas seguintes assistiu-se à descida regular dos movimentos para a Venezuela, em parte pela atracção que a Europa exercia então. Destaque-se apenas que na primeira metade dos anos 80, a Venezuela surge como o 2º destino preferencial dos portugueses destronada pelos EUA. A emigração a partir deste período, já se destaca da anterior, no nível de qualificação mais elevado dos que para ali se deslocaram. Os portugueses integraram-se sobretudo nas actividades de transporte, de construção e na área da produção e distribuição de produtos alimentares (Garcia, 1998).

Brasil

Manteve-se até meados do século XX, a tendência no movimento para terras do Brasil, sendo que desde o início do século até aproximadamente a década de 30 se verificam os maiores fluxos de partidas. De resto, a restrição feita pela legislação brasileira entre 1925 e 1931, e a 2ª guerra mundial, que condicionou a navegação no Atlântico, foram os principais responsáveis pela redução do fluxo migratório até 1950. Os emigrantes para o Brasil entre os séculos XVIII e XIX, são maioritariamente homens e frequentemente jovens. No período de 1866 a 1877 estão mormente ligados à vida rural e têm muito poucos recursos, provêm principalmente do Porto e Lisboa. Sendo assim, no início do século XX, estes homens vão constituir os substitutos à mão-de-obra escrava nas tarefas agrícolas,

uma vez que a maior parte pertencia ao sector primário, ainda que existissem representantes dos outros sectores de actividade de maneira menos significativa, mas relevante (Garcia, 1998).

Europa

Distingua-se a migração transatlântica da europeia pelo fraco movimento de retorno registado para a 1ª (Garcia, 1998). De facto, com a proximidade, a mais fácil mobilidade e a abertura das fronteiras na Europa, os laços com Portugal não eram inteiramente cortados (Rocha-Trindade, 1992).

É a partir de 1960, que se altera o panorama relativamente aos países receptores da generalidade de emigrantes portugueses. Se até aqui o movimento transoceânico e particularmente o Brasil, eram o principal destino, este agora transfere-se para os países europeus, nomeadamente para a França. Entre as razões que fundamentam tal alternância, as iniciativas de restrição imigratória no Brasil, e o oposto encorajamento à mesma por parte de alguns países da Europa, devido à necessidade de mão-de-obra, assumem-se essenciais. Depois de terminada a 2ª guerra mundial e como consequência da melhoria das condições económicas pela aplicação do plano Marshall, foi necessária mão-de-obra para suplantir as exigências da reconstrução e do desenvolvimento industrial agora revigorado. As principais correntes provinham primeiro dos países do leste e posteriormente do sul europeu para abastecer o centro e o norte. Estima-se que aproximadamente 1 milhão de portugueses fizeram este percurso entre 1965 e 1974 sendo que à volta de metade, de maneira ilegal (Garcia, 1998).

França

As estatísticas comumente aceites revelam que o despertar desta corrente se situa nos anos 20, aumenta progressivamente até aos anos 60, e decresce acentuadamente a partir da segunda metade dos anos 70, presumindo-se que estabiliza a partir daqui. Algumas fontes afirmam que os números da emigração clandestina ultrapassavam, por vezes largamente, a legal. A atractividade deste destino para os portugueses, estava na condescendência das autoridades às entradas ilegais, com a decorrente facilidade na legalização e obtenção de visto de permanência e trabalho no país, e também na atitude dos empregadores que não exigiam qualificações nem experiência anterior. Junte-se a estes motivos a necessidade de mão-de-obra crescente de uma economia em desenvolvimento. Os portugueses em França, lutavam pela prosperidade económica e social, ocupavam muitas vezes os lugares abandonados pelos congéneres de outras nacionalidades e privilegiavam a melhoria da situação económica à laboral. Contavam-se maioritariamente,

entre operadores nos ramos têxtil e da construção civil, e funcionários do sector terciário (Garcia, 1998).

Alemanha

Com a perda de aproximadamente 4.5 milhões de nacionais, a Alemanha do pós-guerra viu-se a braços com a necessidade de mão-de-obra para o sector primário e secundário. Decorrente disto, celebrou acordos bilaterais com vários países, incluindo com Portugal em 1964, que visavam corresponder às necessidades de crescimento do país germânico e colmatar a demanda emigratória dos demais. Com a mudança de políticas a partir de 1974 em Portugal e com os incentivos para o regresso a casa dados em 1983 pelo governo alemão, muitos optaram pelo regresso e pela tentativa de uma nova vida no seu país. Refira-se que para o país germânico, inicialmente, os emigrantes eram na sua maioria homens que buscavam sozinhos e sem qualquer conhecimento do país, melhores condições de vida, sendo que depois do fecho das fronteiras se dirigiram para ali maioritariamente as famílias destes (Garcia, 1998).

Luxemburgo

O recenseamento de 1981 apurou que viviam naquele país quase 30 milhares de portugueses, que assim compunham perto de um terço da população total. Até 1975, o país crescia devido à indústria siderúrgica e ao facto de ser sede provisória da CECA, precursora da CEE. O seu crescimento, demandava mão-de-obra para ocupar os cargos que outrora pertenceram aos emigrantes dos países fronteiriços e que, posteriormente, foram ocupar os cargos mais qualificados. Assim, os portugueses, que também aqui eram na sua maioria homens até aos 34 anos, ocupavam-se principalmente da construção civil, da indústria transformadora, e da agricultura. A partir de 1975, devido à quebra económica, o fluxo emigratório baixa e remete-se essencialmente ao fenómeno do reagrupamento familiar que de resto, era encorajado por políticas favoráveis (Garcia, 1998).

Suíça

Analogamente ao sucedido para o Luxemburgo, também os anos de 73 e 74 foram os de maior torrente emigratória para a Suíça, segundo as estatísticas nacionais. Este fluxo que se prevê ter começado por volta dos anos 50, era marcadamente clandestino. Também para aqui se dirigiram homens, na sua maioria em idade activa e com poucas qualificações, que se ocuparam nos sectores de hotelaria, construção civil, restauração e agricultura, e que assentaram mormente no cantão francês, presumivelmente pela maior proximidade cultural. A partir de 1982, as entradas neste país são caracteristicamente devidas quer ao

reagrupamento familiar, quer à transformação das licenças sazonais em permanentes (Garcia, 1998; Peixoto, 1993). Em 1994, os portugueses representavam cerca de 10% da população Suíça, apenas destronados pelos ex-jugoslavos e à frente de italianos e espanhóis (Cattafi-Maurer, Abriel, Dasen, Lack & Perregaux, 1998).

Outras Paragens

Outros destinos, de importância relativa no panorama português do século XX, foram a Argentina, a Austrália e a Espanha. Este último de um modo particular, uma vez que para aí se dirigiam sobretudo, portugueses das regiões mais interiores. É bastante considerável o fluxo para este país, exemplo disso é o facto de em 1991, Portugal ocupar o 4º lugar entre o total de população estrangeira a chegar ao país vizinho. Ainda que o trabalho em Espanha se apresentasse difícil, decorrente do baixo nível de instrução dos portugueses, a proximidade com a pátria e a semelhança cultural e linguística, eram as principais razões que justificavam tal opção (López-Trigal, 1998).

Apesar da marcada relevância económica na análise da migração portuguesa, refira-se que, a par desta, sempre existiram partidas com motivos intelectuais e culturais, principalmente para Espanha, França, Itália, Holanda e Inglaterra (Rocha-Trindade, 1992). Nos anos 60 e 70, por exemplo, registaram-se movimentos tímidos de indivíduos muito qualificados para os EUA e Europa, motivados por razões políticas ou profissionais (Peixoto, 2001).

1.1.5 Finais do século XX

A análise histórica dos elementos de emigração portuguesa no século XX diz-nos que, entre os anos 60 e 70, se verificou um êxodo internacional provocado quer pelo inconformismo às poucas oportunidades na pátria, quer pela sedução que a máquina industrial dos países desenvolvidos exercia. O fluxo de emigrantes era contabilizado, mas as informações recolhidas nos países de destino, evidenciavam uma realidade clandestina marcante. Se no início emigravam na sua maioria homens, a partir de dado momento, com o maior controlo das entradas, emigraram, em maior número, mulheres com o intuito de reunir-se à família, e outros indivíduos que se inscreviam para trabalhar temporariamente. A opção pela emigração temporária, verificava-se mormente para a França e Suíça, devido ao mercado sazonal e à crescente facilidade de transportes, entre os países. Dos 174 mil portugueses que emigraram entre 1986 e 1988, 35 mil eram permanentes e os restantes temporários. No entanto, este era um fenómeno mascarado, já que grande parte das vezes, o objectivo real era o de permanecer no país além de um período passageiro (Garcia, 1998).

Foi também entre a década de 60 e início da 70, que a migração conheceu o seu maior caudal. No entanto, nesta última década, o desenvolvimento dos países europeus receptores abrandou devido à crise petrolífera e consequentemente, fecharam-se as fronteiras a novas entradas. A partir de aqui, muda-se o cenário nos países alvo de emigração, pois passam de insaciáveis por mão-de-obra legal ou não, para estritos no controlo das fronteiras e a quem ali chegava. Também em Portugal se mudava o panorama com a revolução de 1974. A abolição do Estado Novo levou a que desde o seu fim até 1985 cerca de meio milhão de portugueses voltassem das ex-colónias, algo que presumivelmente, e de acordo com dados históricos, antecederia outra enorme vaga de emigrantes, mas que, no entanto, não aconteceu. Os anos 80 assistiram a uma redução no caudal de emigrantes, a nova retoma dos países transatlânticos como destinos preferenciais, e à migração para a Europa, marcadamente temporária e de reagrupamento familiar.

A partir dos anos 80, também se preconiza uma diferença de atitude em relação ao sucesso, por parte dos portugueses, principalmente em França. Se antes o objectivo era reunir esforços económicos e regressar com um melhor estatuto social e económico a Portugal, ele agora passa pelo investimento no próprio país de destino, com o intuito de promover a mobilidade aí mesmo (Peixoto, 1993).

No ano de 1988, a abolição do “passaporte do emigrante”, traz ainda mais dificuldades à análise da emigração em Portugal, pois terminava assim a recolha de dados na origem. Se juntarmos a isto, o facto de os números obtidos até aquele ano não serem completamente fiéis, a discrepância de métodos entre Portugal e os países alvo na quantificação dos mesmos, e ainda, a entrada na União Europeia, que “libertou” as fronteiras, pode considerar-se que a observação dos movimentos migratórios perdeu consistência (Garcia, 1998; Peixoto, 1993). Apenas a partir de 1992, o INE, com o Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída (IMMS), assume a colecta de dados acerca da emigração em Portugal, destringendo entre migração temporária (inferior a 1 ano), da permanente (superior a 1 ano) (Garcia, 1998). Verificou-se com este inquérito que, desde 1992 a 1995, se acentuou a preponderância da Europa como destino da emigração. Alemanha, França e Suíça recolhiam as preferências, uma vez que os restantes destinos “históricos”, como a África do Sul, Venezuela ou Canadá, apertaram o controlo das fronteiras e/ou estavam sob condições político-económicas não favoráveis. No seguimento do que já vinha a acontecer nos anos 80, concluiu-se também que as partidas continuavam a ser marcadamente temporárias (Garcia, 1998).

1.1.6 Estatísticas actuais

Os últimos dados do INE, alusivos ao IMMS, referem-se a 2003 e indicam que 27008 portugueses emigraram neste ano, aproximadamente o mesmo que no ano anterior. Continua a verificar-se a última tendência do fim do século XX, isto é, predominância da emigração temporária e preferência por países europeus. Emigraram mais homens (76.3%) que mulheres (23.7%) no caso da emigração temporária, sendo que a permanente contou com uma distribuição quase homogénea entre género. A maior fatia dos migrantes (45%) encontra-se na faixa etária entre os 15 e os 29 anos. Os países destinatários mais relevantes foram por ordem decrescente de movimentos: França, Suíça, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Luxemburgo, que no seu total contabilizam 93,1% de todo o volume. Da mesma parcela, 4.5% dirigiram-se para o continente americano, nomeadamente Canadá e EUA. Na situação educativa, 9% dos emigrados possuía o ensino secundário ou superior, e conforme é maior o grau de escolaridade, mais saliente é a permanência temporária.

1.2 Teorias sobre a migração

As teorias que seguidamente serão expostas, abordam vários aspectos da migração dando maior relevo a uma ou outra variável. Sendo assim, devem ser vistas como complementares em vez de disjuntivas, até porque, não existe nenhuma teoria universal do multifacetado e abrangente conceito (Arango, 2000).

1.2.1 Perspectiva Neo-Clássica

Ernest Ravenstein (1889) é considerado o pai do pensamento moderno acerca da migração (Arango, 2000) pela abordagem neo-clássica sobre o fenómeno, ao referir que este ocorre sobretudo, devido à diferença de salários existente entre o país de origem e o almejado. Segundo este autor, que elaborou uma série de “leis da emigração” baseando-se nos movimentos dos Britânicos, a direcção do fluxo, parte de regiões de baixos salários para regiões de salários mais altos. Nos pressupostos deste modelo, também se incluía a variável custo da migração, ou seja, o custo que a deslocação tinha, em função dos obstáculos que se lhe deparavam. Todaro, em 1976, acrescentava que a migração é o resultado da decisão voluntária do indivíduo que busca melhores retribuições para o seu trabalho, após ponderar os eventuais custos e ganhos nas oportunidades de que dispõe. Sendo assim, a vontade de emigrar só se apresenta clara e preferencial quando a probabilidade de ascensão social aparece mais plausível num outro destino. A deliberação sobre esta probabilidade é feita num jogo de expectativas e informação, isto é, entre o que pretende obter o emigrante com o movimento, e a informação relativa a esse país que lhe é

passada Pereira (1993). O possível fim deste movimento, teria lugar quando as condições monetárias e de vida fossem semelhantes em todos os locais, condenando o movimento migratório e as desigualdades à extinção (IOM, 2003).

O ponto fraco mais evidente desta teoria está no facto de não explicar porque tão poucos migram, dado que existem grandes disparidades sócio-económicas entre países (Arango, 2000).

1.2.2 Teoria da Dependência

Com uma elevada influência Marxista, e promulgada sobretudo por Singer em 1973, esta corrente defende que a evolução do capitalismo levava à formação de centros industriais desenvolvidos que, ao partilhar laços díspares com as zonas periféricas, rurais, as sujeitam à exploração pelo primeiro (Arango, 2000). Do ponto de vista da emigração, esta visão adequa-se sobretudo para o êxodo rural onde o fosso de desenvolvimento que separa as urbes do campo, aumenta devido às oportunidades mais atractivas na primeira (IOM, 2003). Também neste panorama se pode situar conceptualmente o fenómeno da fuga de cérebros que, segundo os alicerces desta teoria, representa o revés do desenvolvimento, ao promover e alargar os fossos de progresso entre as duas partes envolvidas.

1.2.3 Perspectiva do Capital Humano (Human Capital Theory)

Também derivada do campo económico, esta teoria convencionou o indivíduo enquanto unidade portadora de conhecimentos e habilidades economicamente significativas. É a conjugação entre o inato e o adquirido que classifica o seu capital (Schultz, 1993). De forma ilustrativa, pode vislumbrar-se o capital humano como um recurso económico que, num país, está presente nos investimentos formativos e de aprendizagem, dos seus cidadãos. A aplicação deste conceito à emigração, foi feita por Sjaastad em 1962, quando o autor referiu um cenário exemplificativo das diferenças individuais que existem, na intenção de emigrar. O capital humano, enquanto investimento, está sujeito às flutuações do mercado, se para um ofício os salários baixam numa determinada região ou nação, o capital humano de um indivíduo perde valor nesse contexto. Daí, o sujeito pode adaptar-se às novas condições ou, dependendo se a perda é circunscrita a uma área, optar pela migração. Aqui, o destino preferencial será aquele onde o seu capital humano será mais valorizado (Stark & Taylor, 1991). Por outro lado se o ofício é afectado a nível global, a inconformidade pode levar ao investimento numa outra área formativa. O autor conclui, afirmando que o fenómeno migratório deve então ser analisado, tendo em conta as diferenças espaciais e entre ofícios que o indivíduo percepção, na procura dos melhores ganhos.

1.2.4 Perspectiva da rede emigratória (Network Approach)

Esta óptica, segundo Massey e España (1987), acrescenta o conceito social de rede ao processo migratório. A rede, funciona inicialmente como uma ligação entre os emigrados e os seus elos relacionais no país de origem, mas pode evoluir, graças ao seu carácter multiplicativo e dinâmico, e tornar-se mais dispersa no espaço e densa no número de elos (IOM, 2003). Um indivíduo emigrado pode, através dos contactos com a sua família e amigos, oferecer apoio ou proporcionar informações relevantes, de modo a facilitar um eventual movimento de um elemento dessa rede. Deste modo, reduzem-se os riscos para esse elemento, pois conta com uma base de apoio (financeiro, informativo, na procura de emprego, etc.) no país de destino. A evolução deste fenómeno, levaria à existência de vários focos de ajuda, dispersos por vários pontos, o que por sua vez reduziria os riscos e custos do movimento, e assim proporciona o aumento da probabilidade de emigração nos elementos constituintes da rede (Mullet et al., 2000).

1.2.5 Perspectiva Push/Pull/Anti-Push/Anti-Pull (2PAP)

Como já foi mencionado, as correntes migratórias do pós-guerra na Europa foram sofrendo alterações consoante as políticas favoráveis e, mais tarde, restritivas que os países receptores praticavam. Centremo-nos sobre os períodos de 1955-1973, que se caracterizou pela carência de mão-de-obra nos países desenvolvidos directamente envolvidos na guerra, e 1974-1988, que ficou marcado pela tentativa de estancar essa corrente (Zimmermann, 1995). Estes períodos são exemplificativos dos conceitos Push e Pull que Zimmermann (1995) associa respectivamente ao cânone económico da oferta e procura, vista do país receptor. No primeiro período, verificou-se uma migração do tipo Pull, isto é, uma economia forte mostra-se receptiva à entrada de emigrantes, que são seduzidos pelas boas condições oferecidas, e por vezes, beneficiam até de acordos entre os países de modo a facilitar o processo. Em suma, este tipo de movimento pode ser caracterizado pela atracção que o país de destino exerce sobre o sujeito, aqui marcadamente económico, mas que pode ser cultural, climático, etc. Para o 2º período mencionado, uma vez que os mesmos países receptores optavam agora pelo controlo das entradas e encorajavam o retorno aos países originários, é marcado pela corrente de tipo Push, ou seja, quem agora se deslocava fazia-o devido às más ou inadequadas condições que encontrava no país de origem. Outros exemplos de motivos Push típicos são, por exemplo, os salários, as condições de trabalho, e os benefícios sociais, que no país de origem, não são adequados aos que o sujeito pretende. Resumidamente, os factores Push são aqueles que incitam à saída do país de origem por este não ter estruturas adequadas à ambição do indivíduo. Uma vez mais,

mencionaram-se apenas motivos económicos, mas existem outros como más condições sociais, opressão da liberdade, etc.

Aos dois factores já mencionados, juntam-se os de Anti-Push (vinculação) e Anti-Pull (custos e riscos) (Mullet, Dej, Lemaire, Raiff & Barthorpe, 2000). O factor Anti-Push envolve as variáveis referentes a vínculos ao lugar de origem, como os laços e contextos sociais, assim como a família, cuja influência na intenção de migrar foi explorada por Mincer em 1978. Enquanto isso, o factor Anti-Pull, engloba razões como a distância entre os 2 países, medo da solidão, diferenças culturais, clima e dificuldade na aprendizagem de línguas (de Gómez, Rubio, Allué & Mullet, 2002; Mullet, Dej, Lemaire, Raiff & Barthorpe, 2000; Mullet & Neto, 2000).

Uma das críticas ao modelo Push/Pull, que também se aplica ao modelo neo-clássico, resume-se à fragilidade deste em explicar a diferença na propensão para emigrar de indivíduos com características semelhantes. No entanto, os factores Anti-Push e Anti-Pull introduzidos adicionam duas dimensões extra que podem explicar essas diferenças. Afirma-se isto, porque a propensão para não emigrar pode verdadeiramente significar propensão para não correr riscos ou perder laços vinculativos, como refere Mincer (1978).

1.3 Alguns estudos sobre o fenómeno

Em 1997, os estudos “Representações sociais da migração portuguesa: A visão dos jovens” e “Projectos migratórios e seus determinantes entre os adolescentes portugueses” de Neto, contribuíram para a investigação das perspectivas de emigração desta população. Verificou-se que 47% da amostra de 480 jovens entre os 13 e os 17 anos (da qual 29% almeja ao ensino superior), se mostrava motivada a emigrar. Os países mais mencionados são: França, EUA e Grã-Bretanha, sendo que perto de 2/3 das preferências recai sobre países da UE. A intenção de emigrar está mais associada ao catolicismo praticante e não se diferencia entre género. Aos motivos “falta de trabalho”, mencionado por metade da amostra, e “salários insuficientes”, referido por 1/4 dos sujeitos, juntam-se “ambições académicas”, “intenção de viver noutro país”, “limitadas possibilidades de sucesso em Portugal” e a “procura de aventura”, como motivações mais frequentes. As razões que levam a escolher a França como destino preferencial são: o fenómeno de rede grupal e a percepção de uma atitude positiva neste país, em relação à emigração; os EUA primam pelo desenvolvimento e cultura; quanto à Inglaterra, os jovens referem a atracção pela língua e a diferença de mentalidades. É ainda referido no estudo que, estes jovens, apresentavam uma ligação forte ao seu país, para o qual desejavam mudanças, de modo a encontrarem um lugar aquando do fim do seu projecto migratório.

Existem também três estudos que, partilhando a semelhança da estrutura 2PAP com ligeiras diferenças entre eles, analisam as vontades dos jovens de viver, estudar e trabalhar

num outro país da UE¹, em Espanha, França e Portugal. No estudo português, verificou-se que, entre os jovens estudantes do ensino secundário, não existia uma intenção vincada de trabalhar ou estudar, meses ou anos; os países mais citados foram o Reino Unido e a Espanha; as atitudes 2PAP mais expressivas eram do tipo Push, Pull e Anti-Pull; e finalmente que a intenção depende primeiramente da atracção exercida pelo país, da vontade de aprender uma língua nova e da irrelevância que os inconvenientes de viver fora podem causar. Destacam os autores, que os aspectos económicos não atingem uma importância significativa na intenção, o que contrasta com o motivo capital por detrás das diásporas transactas.

1.4 Mobilidade de cérebros

Devido à grande predominância de portugueses com qualificações escolares baixas ou médias, no caudal emigratório nacional, a atenção científica e histórica para os melhor qualificados, tem sido secundária. No entanto, prevê-se que doravante este fenómeno venha a ser mais comum, fruto do aumento das qualificações da população, da necessidade de trabalhadores qualificados nos países desenvolvidos, e pela grande facilidade de circulação na UE (Peixoto, 2001), sendo este último, um factor preditivo de uma maior afluência para este espaço.

A mobilidade de cérebros consiste no movimento migratório de indivíduos com educação universitária, entre países. Associado a este movimento, está o revés da fuga de cérebros, definida como uma perda, por parte do país, de investimento educativo, económico e de potencial empreendedor, num indivíduo. Sendo assim, a mobilidade dos altamente qualificados pode ser ou não, benéfica para todas as partes envolvidas. Se um indivíduo se deslocar para um outro país, investir na sua educação e/ou experiência de trabalho e efectivamente regressar, trará um reportório de capital humano enriquecido que funcionará como portador de conhecimento e recursos (Daugeliene & Marcinkeviciene, 2009; Groot & Gibbons, 2007). Deste modo, a mobilidade constitui um estímulo à economia e ao empreendedorismo do país de origem, pois possibilita a aquisição de saber, a criação de redes relacionais entre instituições, e o acesso a novas tecnologias e novos mercados, entre outros benefícios (Ostergaard-Nielsen, 2003). Por outro lado, se o país não tiver criadas as condições económicas necessárias, de investimento e oportunidades de emprego para que o regresso se dê, verifica-se efectivamente, a fuga de cérebros (Pereira, 2010).

O fenómeno da mobilidade, é tido como um importante factor económico no desenvolvimento das economias actuais. De acordo com alguns relatórios da UE, a fraca mobilidade de conhecimento nas economias europeias é de facto, um entrave à sua

¹ Cf. de Gómez, Rubio, Allué & Mullet, 2002; Mullet, Dej, Lemaire, Raiff & Barthorpe, 2000; Mullet & Neto, 2000;

modernização, algo que se conclui quando se faz a comparação com a expressividade do fenómeno nos EUA (Peixoto, 2001).

1.5 Estima e Satisfação com a vida nos movimentos migratórios

Refere Neto (1997) que, do confronto com dificuldades numa cultura nova, podem surgir perturbações psico-sociais. De facto, os jovens do estudo em causa, mencionam a saudade e o idioma (este devido a grande parte dos países ser europeu), como os maiores causadores desse estigma. Efectivamente, as teorias de estudo das migrações tendem a sobrevalorizar aspectos sócio-económicos e motivações, desprezando a análise de diferenças de características pessoais, entre sujeitos aferentes ou não à migração (Arango, 2000). Migrar pode ter consequências económicas, sociais, e/ou psicológicas, como o afastamento de pessoas que ficam no país emissor ou a adaptação e aprendizagem a um país e língua novos (Kahanec & Zimmermann, 2008), portanto, é expectável que existam diferenças relativas a aspectos psicológicos, entre os indivíduos que manifestem vontade de sair do país e os que não a demonstrem.

A noção de auto-conceito insere-se nas ciências sociais, na medida em que é construído pela interacção do indivíduo com o meio, assumindo-se como um produto e uma força social (Rosenberg, 1992). Um dos constituintes do auto-conceito é a auto-estima. Esta é, segundo Kaplan (1982), a herança do relacionamento dependente, existente entre o adulto e a criança, que visa a satisfação das necessidades biológicas básicas da última. Durante o seu desenvolvimento, vai-se criando a necessidade da presença de outras pessoas, sendo que, a partir daqui, o conceito se vai moldando consoante a experiência de atitudes, preferencialmente positivas, que os outros e o próprio têm em relação a si (Kaplan, 1982). Rosenberg (1965) define este conceito como a valorização (positiva ou negativa) que alguém efectua de modo relativamente estável em relação a si mesmo.

Por sua vez, o conceito de bem-estar é subjectivo e só adquire significado consoante os padrões para o julgar de cada pessoa. A literatura sugere que este conceito engloba 3 componentes: afectividade positiva, afectividade negativa e satisfação com a vida (Andrews & Withey, 1976 in Neto et al., 1990). A análise desta última componente permite perceber de que modo os indivíduos valoram as oportunidades e percebem vários aspectos relacionados com a sua vida. Sendo assim, os dados recolhidos na análise deste tópico, através de instrumentos como a SWLS, são um sólido indicador acerca de como as pessoas se sentem acerca das suas vidas (Pavot et al., 1991).

Uma relação entre os 2 conceitos foi encontrada por Santos & Maia (2003), ao verificar que a auto-estima se relaciona positivamente com a satisfação com a vida, sendo que indivíduos com altos níveis de auto-estima manifestam maior satisfação com a vida.

Capítulo II - Metodologia

2.1 Objectivos da investigação

É de tal maneira recorrente a opção de emigrar por parte do povo português que, conjugando-a com os factores económicos actuais e com as tendências emigratórias recentes, será de esperar que se repercuta nas intenções dos alvos da investigação. Por outro lado, a economia actual move-se a conhecimento, e jovens licenciados são a força motriz que pode contribuir para o avanço do país ou espelhar o descontentamento com ele. Este estudo não é totalmente original em método, mas é-o em alvo da pesquisa e características tidas em conta na amostra. Procurou-se analisar dentro de uma população, que partilha entre si a frequência no ensino superior mas acima de tudo, partilha expectativas e intenções para o futuro que podem diferir consoante o contexto de aprendizagem em que se encontram. Assim sendo, o estudo empírico irá seguir uma estrutura que procurará responder a três questões globais, e dentro de cada uma delas abordar as diferenças existentes entre faculdade e género. As questões são:

Q1 - Quais são os países preferenciais e os motivos para a escolha desses países?

Uma vez que são conhecidos os países associados às partidas migratórias de Portugal, procura-se analisar se existe uma continuidade histórica com estes, ou se as preferências se manifestam de outro modo. Os resultados obtidos serão depois complementados pelo cruzamento destes dados com as outras variáveis.

Q2 - Como se manifestam as atitudes Push/Pull/Anti-Push/Anti-Pull?

No questionário, existem 2 campos referentes aos factores Push e Pull sendo que, os resultados de um se obtêm a partir da análise à questão de resposta aberta, e do outro, com a análise das respostas à escala 2PAP. Planeia-se desvendar o modo como se manifestam as atitudes pela amostra, e como se correlacionam com as restantes variáveis. Sabe-se desde já, que a atitude Push tem marcado historicamente o fenómeno, mas em condições distintas, razão pela qual se torna importante esta análise.

Q3 - Como se expressam as intenções de emigrar?

O movimento para um outro país pode ser benéfico para todos os intervenientes no processo, no entanto, é necessário que as razões que levam à partida, não se constituam como empecilhos, enquanto dificuldades crónicas, para que se dê um eventual regresso.

Sendo assim, propensão para a emigração permanente pode ser indicadora da insatisfação com o país, levando a que este perca potencial humano. Pelo contrário, assume-se que a intenção de uma estadia temporária pode ser benéfica para o país emissor, do ponto de vista da aquisição de experiência e novas práticas, que podem ser usadas para mover a economia com actividades empreendedoras. Considera-se ainda, que a vontade de partir para estudar está associada à intenção de elevar e prestigiar o investimento académico, enquanto que a vontade de partir para trabalhar se associa ao almejar de um nível sócio-económico superior. Por fim, procura-se averiguar se a relação entre a auto-estima/satisfação com a vida e a intenção de emigrar fornecem indicadores para um esquema interpretável de disposições psicológicas na vontade de emigrar.

2.2 Amostra

Tabela 1 – Caracterização da amostra.

	Feup			Icbas			Fpceup			Totais		
	Feup♂	Feup♀	Total	Icbas♂	Icbas♀	Total	Fpceup♂	Fpceup♀	Total	Total♂	Total♀	Total Geral
Número	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300
Média de idades	21.40 dp=2.16	19.84 dp=1.85	20.62 dp=2.15	20.68 dp=1.98	20.22 dp=1.67	20.45 dp=1.83	21.32 dp=2.06	20.04 dp=1.58	20.69 dp=1.94	21.13 dp=2.08	20.03 dp=1.70	20.59 dp=1.97
Crente ²	54%	48%	51%	66%	76%	71%	42%	62%	52%	54%	62%	58%
Praticante ¹	18%	26%	22%	28%	34%	31%	14%	26%	20%	20%	28.7%	24.3%
Vive com os pais ¹	92%	86%	89%	70%	76%	73%	72%	92%	82%	78%	84.7%	81.3%
Tem ou teve emprego ¹	48%	24%	36%	16%	12%	14%	40%	38%	39%	34.7%	24.7%	29.7%

A amostra consiste num total de 300 sujeitos, que se dividem entre 100 para cada uma das 3 faculdades, e dentro dos quais, 50 são do sexo feminino e 50 do sexo masculino.

² Estas percentagens são relativas ao grupo/subgrupo respectivo;

A média das idades é de 20.59 ($dp=1.97$), e estas variam entre os 18 e os 25 anos. A média de idades mais baixa pertence ao subgrupo Feup♀ (19.84), e a mais alta ao subgrupo masculino da mesma faculdade (21.40). O subgrupo Icbas♀ revela a maior percentagem de jovens crentes e praticantes numa religião (76% e 34% respectivamente), o que contribui para a maior percentagem desta faculdade entre as pares, nas mesmas categorias. No que diz respeito às variáveis “crente”, “praticante” e “viver com os pais”, o género feminino exhibe maiores percentagens que o masculino. Os sujeitos pertencentes ao subgrupo Feup♂ e Fpceup♀ são os que mais referem que vivem com os pais (92% ambos). O mesmo Feup♂ (48%) juntamente com o Fpceup♂ (40%), são os subgrupos que mais afirmam possuir ou ter tido um emprego. O grupo Icbas é o que assume a taxa mais baixa neste capítulo (Icbas♂:16%; e Icbas♀:12%) com 14%. Os homens revelam maior auto-estima ($F(1,294)=5.572$; $p<.05$), não existindo contudo diferenças significativas na satisfação com a vida. Tal como esperado, estas duas variáveis estão fortemente correlacionadas, $r=.642$, $n=294$; $p<.001$. É exibido um bom conhecimento do país por quase $\frac{3}{4}$ da amostra (73.7%). Relativamente a conhecerem alguém nesse país, a maior parte dos inquiridos revela que não conhece (59.7%), sendo que a distribuição por género e faculdade é homogénea.

2.3 Instrumento

O método eleito para conduzir esta investigação foi o inquérito por questionário, com administração directa. Esta opção provém da necessidade de sondar uma elevada quantidade de sujeitos acerca do seu conhecimento, atitudes e imagem de si para a exploração das questões de investigação. Uma vez que a amostra não é representativa, não será possível extrapolar os resultados para a população (Quivy & Campenhoudt, 1998) no entanto, podem retirar-se tendências e informações relevantes. Para a elaboração deste instrumento, partiu-se do questionário, adaptado para a população portuguesa, de Mullet & Neto (2000), que aborda as intenções de estudar e trabalhar num outro país europeu. Daí foram adaptadas as questões relativas ao país e de resposta aberta (Grupo I), assim como a escala 2PAP e de intenção de emigrar (Grupo III). Acrescentaram-se as escalas RSES e SWLS, e algumas questões criadas para esta investigação (cf. Anexo I).

2.3.1 Constituição do questionário

Grupo I - Este grupo é composto por 2 questões. A primeira visava conhecer qual o país que reúne a preferência do sujeito e a seguinte, de resposta aberta, procura perceber quais os motivos que o levam a optar por tal país.

Grupo II - As 5 perguntas de conhecimento do país, foram concebidas para este estudo. A finalidade das mesmas cingia-se à tentativa de perceber, se o sujeito tinha

conhecimento de dados relativos ao país mencionado, ou contacto com alguém que lá vivesse. As 4 primeiras questões conceberam-se de maneira a abordar aspectos gerais como a língua, a capital, alguém famoso, e população aproximada. Considerava-se esta última questão correcta se o valor retorquido estivesse dentro da margem de $\pm 10\%$ do número correcto, e assumia-se que tinham “bom conhecimento do país”, os jovens que respondessem correctamente a mais de 2 questões. A 5ª questão, fechada, pretendia saber se o sujeito conhece alguém nesse país.

Grupo III - Aqui estão presentes as 22 questões referentes à escala 2PAP sem qualquer alteração. Foram acrescentadas 2 questões, com o intuito de indagar qual a representação que os sujeitos tinham dos portugueses nesse país³. Seguem-se as 7 questões da escala de intenção de emigrar.

Grupo IV - Insere-se nesta parte, a escala de auto-estima (RSES) e a escala de satisfação com a vida (SWLS), com o intuito de explorar a percepção que o sujeito tem de si mesmo.

Grupo V - É constituído pelo questionário demográfico. As questões demográficas incluídas inquiram sobre a idade, o género, a faculdade, o curso e o ano que frequenta. Surgem também questões relativas à crença religiosa; se o sujeito é praticante; se vive com os pais; e se tem ou já teve alguma experiência de trabalho. Não se verificaram resultados significativos na análise por crença e práticas religiosas, como tal, as respostas daí decorrentes não foram tidas em conta nos resultados.

2.3.2 Escalas utilizadas

A RSES

A escala de auto-estima elaborada por Rosenberg (1965) ou RSES, consiste num conjunto de 10 itens, 5 de orientação positiva e 5 de orientação negativa, cujas respostas variam entre o “fortemente em desacordo” e o “fortemente de acordo”. A auto-estima pode ser considerada como uma atitude positiva ou negativa em relação a si (Rosenberg, 1965), e desse modo permite-se a consulta da mesma. Indivíduos com alta auto-estima valorizam-se positivamente, e respeitam o que são. Por outro lado, baixa auto-estima revela insatisfação e desvalorização de si mesmo (Santos & Maia, 2003). A adaptação à população portuguesa, utilizada neste estudo, foi feita por Neto (1997). Santos & Maia (2003) exploraram também, a disparidade de opiniões relativamente ao modelo unifactorial da escala. Para este estudo verificou-se a existência de apenas um factor que explica 49.16% da variância, e uma boa consistência interna (α de Cronbach=.884).

³ Cf. questões 24 e 25 (Anexo II);

A SWLS

Diener et al. (1985) criaram a SWLS, que incide sobre a noção cognitiva global que o sujeito tem acerca da sua satisfação com a vida, ao invés de definir critérios úteis ao investigador que a categorizariam (Neto, 1997). A escala foi desenvolvida tendo em conta que se deve pedir ao sujeito, um juízo global acerca da percepção que tem da sua vida, de modo a medir o conceito. A escala é constituída por 5 itens que variam entre o “fortemente em desacordo” e o “fortemente de acordo”, e neste estudo, revela uma boa consistência interna (α de Cronbach=.818).

A escala 2PAP

Adaptada do estudo de Mullet & Neto (2000), este instrumento contém 22 questões associadas aos factores Push/Pull/Anti-Push/Anti-Pull, e as possibilidades de resposta variam de 1 a 10, entre o “completamente falso” e o “completamente verdade”, respectivamente. Visa apreender as atitudes dos respondentes, relativamente: às condições do seu país (Push); à atracção exercida por outros países (Pull); à vinculação que sente ao seu país (Anti-Push); e à percepção de riscos inerentes a uma partida (Anti-Pull).⁴

A escala de intenção de emigrar

Esta escala foi inicialmente utilizada no estudo de Mullet, Dej, Lemaire, Raiff & Barthorpe (2000) com jovens franceses, e adaptada depois, por Mullet & Neto (2000), para a população portuguesa, juntamente com a 2PAP. É formada por 7 questões que contêm uma dimensão transversal (intenção de emigrar/partir), e outras dimensões específicas, relativas às intenções de partir para trabalhar, para estudar, de modo temporário, permanente⁵, e para viver no país. A sua aplicação permite conhecer o modo como se manifestam as intenções de emigrar dos respondentes, de acordo com as dimensões mencionadas. As respostas variam numa escala de 10 pontos entre o “seguramente que não” e o “muito provavelmente”. Das suas 7 questões, foram retiradas, para este estudo, 2, de modo a melhorar a consistência da escala (α de Cronbach=.831): 31 “Não tenho nenhuma intenção de ir estudar para fora de Portugal”, e 32 “Não tenho nenhuma intenção de ir trabalhar para fora de Portugal”.

⁴ O tratamento das variáveis relativas a esta escala está presente no ponto 3.3.1;

⁵ Permanente, de acordo com o INE (2003), significa superior a 1 ano;

2.3.3 Métodos de análise

Análise de conteúdo

Este procedimento, consiste no “tratamento da informação contida nas mensagens” (Bardin, 1977: 34) e permite, através da decomposição das respostas dos sujeitos, retirar significados implícitos decorrentes da frequência e dos termos que usam para responder a uma pergunta. A grande vantagem deste método, é a possibilidade de poder extrair informações cognitivas do sujeito, acerca de um determinado tema, que não estão explicitamente manifestas na sua resposta (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Para este estudo, usou-se a análise categorial, método quantitativo, que se caracteriza por permitir a atribuição dos diversos elementos das respostas, a categorias mutuamente exclusivas, permitindo a análise da frequência com que são mencionados. Os objectivos são: ordenar as respostas em grupos categoriais que representam o âmago das mesmas, e perceber a importância que essas respostas têm para a amostra contabilizando o número de vezes que são mencionadas (Bardin, 1977). Neste caso, pretende-se inferir sobre quais as razões que os sujeitos apontam para justificar o país escolhido. Após a análise de algumas respostas, foram-se construindo agrupamentos que mudaram de forma e foram ajustados várias vezes ao longo do processo. Os resultados foram divididos de acordo com as categorias Push e Pull, com base nos pressupostos referenciados nos estudos que também utilizaram este método (de Gómez Rubio, Allué & Mullet, 2002; Mullet, Dej, Lemaire, Raiff & Barthorpe, 2000; Mullet & Neto, 2000). No factor Pull, agruparam-se os itens que correspondessem a um aumento na exigência de trabalho como o dinamismo da economia, clima, tipo de vida, e reputação do sistema educativo no país receptor i.e. factores intrínsecos ao país que revelem melhores condições inatas ou económicas. Para o factor Push, colectaram-se os itens que mencionassem o não aumento na exigência de trabalho no país receptor, vantagens passíveis de ser valorizadas pelos empregadores, e más condições económicas e/ou falta de trabalho no país de origem, i.e., factores que contribuam como vantagens marcadamente pessoais, no movimento para um outro país. O resultado final integra 28 subcategorias divididas nas 2 categorias (cf. Anexo III).

Análises estatísticas

Nesta investigação recorreu-se principalmente a análises de variância (ANOVA), correlações bivariadas, e análises de frequências e médias. De modo a facilitar a associação, foram constituídos 3 grupos relativos a cada uma das faculdades (Feup, Fpceup e Icbas), e 6 subgrupos entrecruzados entre faculdade e género: Feup♂ (homens da Feup),

Feup♀ (mulheres da Feup), Icbas♂ (homens do Icbas), Icbas♀ (mulheres do Icbas), Fpceup♂ (homens da Fpceup) e Fpceup♀ (mulheres da Fpceup).

2.4 Procedimento

Planeou-se a recolha da amostra de maneira a abranger 3 instituições de ensino superior de áreas distintas: ciências sociais (FPCEUP), ciências médicas (ICBAS) e ciências matemáticas (FEUP), na tentativa de posteriormente comparar os resultados e perceber se havia diferenças. A amostra foi recolhida por conveniência em cada uma das 3 faculdades, entre Janeiro e Fevereiro de 2010, de maneira a que fosse homogénea. Antes de pedir a participação no estudo, era perguntado aos potenciais sujeitos se frequentavam a faculdade em causa, e se tinham idade inferior a 25 anos. Quando os sujeitos não responderam a nenhuma questão de um qualquer grupo, ou não mencionaram o género, faculdade e idade, no mínimo, o questionário foi considerado inválido e não foi tido em conta na análise estatística (n=18).

O tratamento e análise dos dados, foram feitos com recurso ao programa SPSS versão 15.0.

Capítulo III - Resultados

3.1 Países eleitos e principais motivações

3.1.1 País eleito

Foram mencionados pelos sujeitos, 24 países distintos, no total. As frequências relativas a essa escolha, divididas por gênero e faculdade, estão presentes no Anexo II. Da análise desses valores conclui-se que o preferido para estudar ou trabalhar durante um certo período de tempo é a Inglaterra (24%) com quase $\frac{1}{4}$ das respostas. Seguem-se os EUA (15.7%) e o Brasil (13.7%), sendo que a Itália aparece em 4º lugar com 13.3% das preferências. Em 5º lugar está a Espanha com 8.0%. Constata-se que cumulativamente, estes 5 países absorvem 74.7% do total de escolhas. Os países europeus reúnem 67.3% das preferências e os pertencentes à UE 27 acumulam 64.3%. Dos países mais mencionados, a Itália é o menos conhecido pelos sujeitos. Isto porque dos seus eleitores, 38% revela pouco conhecimento acerca do país⁶ enquanto que para os restantes 4, essa percentagem não ultrapassa os 15%. O mesmo cenário, repete-se para a questão de ter alguém conhecido nesse país⁷.

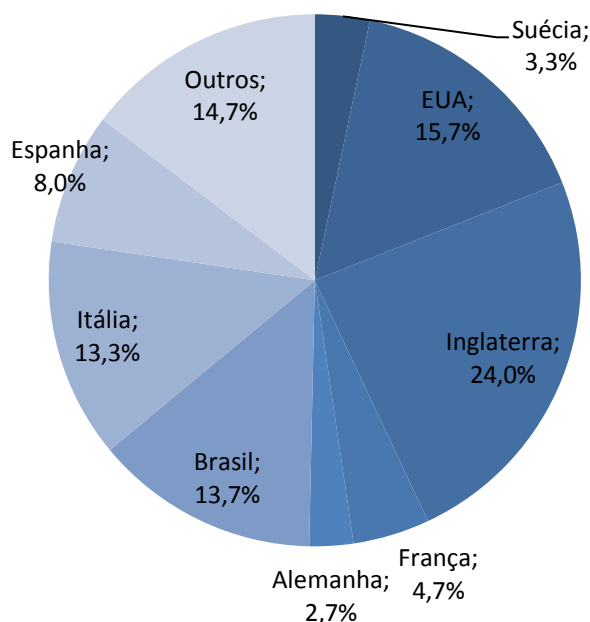


Gráfico 1 – Distribuição das percentagens dos principais países.

3.1.2 Relação entre país, faculdade e gênero

No geral, constatou-se que as respostas ao país preferido se encontram mais concentradas no subgrupo Fpceup♀, abrangendo apenas 9 países em contraste com os 14 do Feup♂, Feup♀ e Icbas♂. Na decomposição por gênero, as preferências manifestam-se de acordo com os resultados globais, no entanto, por grupo e subgrupo mostram-se um pouco distintas. Verifica-se que, para o país mais citado globalmente (Inglaterra), as distribuições são praticamente uniformes, sendo este país, o favorito de ambos os grupos Feup e Fpceup, ao passo que o Brasil surge como o predilecto do grupo Icbas,

⁶ De acordo com as respostas às questões de cultura geral;

⁷ Dos que mencionam Itália, apenas 17.5% têm alguém conhecido, enquanto nos restantes 4 esse valor se situa entre os 31% e os 55%;

essencialmente pelo subgrupo Icbas♀. No grupo Feup♂, destaca-se a importância da Suécia, já que é o 3º país mais citado (10%), e da Alemanha (8%) a par do Brasil no 4º posto. Espanha agrega a maior predilecção entre o grupo Fpceup, e encontra-se em 3º lugar nas preferências. Para este grupo (8%) e para o Icbas (6%), França ocupa o 5º posto. Note-se que os subgrupos Feup♀ e Icbas♀ mostram uma opção mais vincada por Inglaterra e Brasil, respectivamente. O gráfico 2 mostra as distribuições por grupo e género, das preferências de acordo com os países mais citados globalmente.

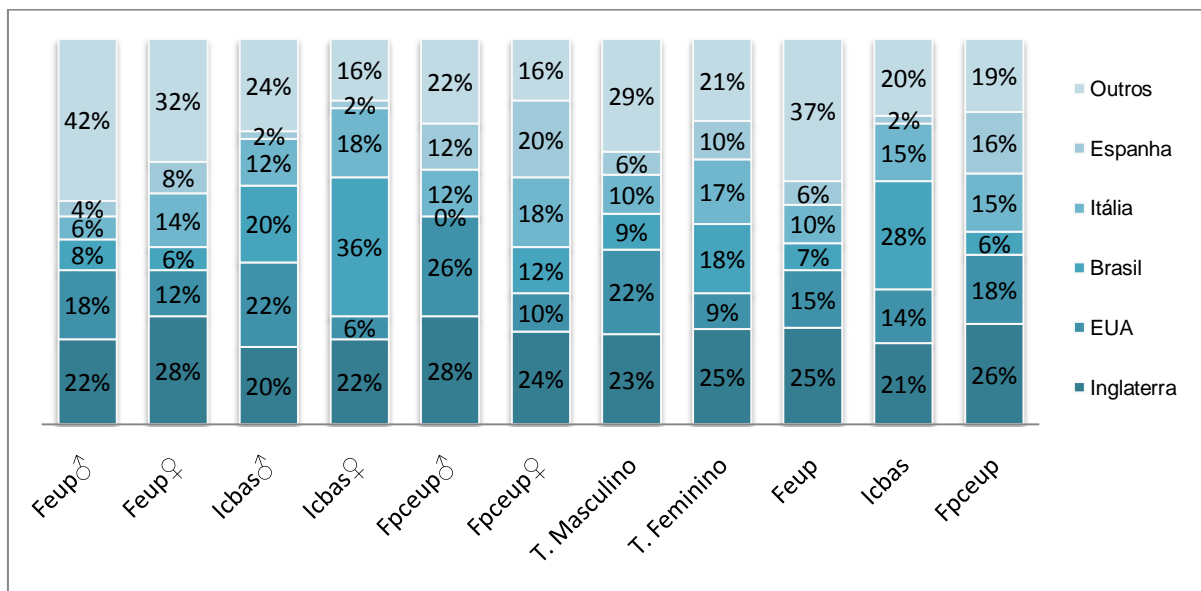


Gráfico 2 – Distribuição dos 5 países mais citados pelos grupos.

3.2 Principais motivações derivadas da análise de conteúdo

3.2.1 Distribuição dos itens

A análise de conteúdo, realizada às respostas sobre as motivações para passar um certo tempo noutro país, aplicou-se sobre 1007 itens (cf. Anexo III). As categorias “outros factores Push” e “outros factores Pull”, que resumem as respostas não categorizadas nos grupos definidos, assumem 9.3% dos valores totais. Existe um ligeiro predomínio das atitudes do tipo Pull (57%), que por sua vez englobam também o item mais vezes referido (“cultura”). Os seguintes 5 itens mais citados (excluindo “outros factores Pull”), pertencem ao grupo Push e desses, aqueles que têm maior percentagem são “Identifico-me/gosto do país/população” (8.1%) e “visitar/conhecer algo novo” (6%).

3.2.2 Principais motivações por países predilectos

A distribuição das motivações pelos países mais citados mostra-se um pouco distinta daquela pelo género e faculdade. Os jovens que escolhem Inglaterra mencionam principalmente a “cultura”, “interesse no idioma” e “ganhar experiência curricular/pessoal”. O

2º país, EUA, é eleito pelo seu “desenvolvimento tecnológico”, “cultura” e “ensino melhor/prestigiante” ao qual se segue o Brasil, fundamentado pelo “clima”, “conhecimento/facilidade na língua” e “cultura”. Itália prima pela “cultura”, “visitar/conhecer algo novo” e “identifico-me/gosto da população”, seguindo-se-lhe Espanha referida pela sua “proximidade com Portugal”, “cultura” e “conhecimento/facilidade na língua”

Tabela 2 – Principais motivações pelos países mais citados.

	Inglaterra	EUA	Brasil	Itália	Espanha
1º Motivo	Cultura	Desenvolvimento tecnológico	Clima	Cultura	Proximidade com Portugal
2º Motivo	Interesse no idioma	Cultura	Conhecimento/facilidade da/na língua	Visitar/Conhecer algo novo	Cultura
3º Motivo	Ganhar experiência curricular/pessoal	Ensino melhor/prestigiante	Cultura	Identifico-me/gosto do país/população	Conhecimento/facilidade da/na língua

3.2.3 Distribuição por faculdade e género

Na análise por subgrupos verifica-se uma distribuição bastante homogénea nos itens e nas proporções dos motivos mais citados (cf. Anexo IV). Em primeiro lugar, com aproximadamente 1/5 das respostas em todos os subgrupos, encontra-se invariavelmente a categoria cultura. O grupo que se manifesta marginal a esta tendência é o Fpceup♂ (12.9%). Nos subgrupos Feup♀ e Feup♂ o 2º e 3º item são os mesmos, “desenvolvimento tecnológico” e “ganhar experiência curricular/pessoal”, já no Icbas♂, com 9.7% e 8.4%, “conhecimento/facilidade da/na língua” e “desenvolvimento tecnológico” assumem a predilecção. Nos subgrupos Fpceup♀, Icbas♀ e Fpceup♂ o segundo item é “identifico-me/gosto do país/população” e para os dois últimos subgrupos, o 3º item é invariante: “visitar/conhecer algo novo”. Por fim, entre a percentagem de 6.6% e 8.4% afecta aos itens no 3º posto, encontra-se no subgrupo Fpceup♀, “ganhar experiência curricular/pessoal”. Ao remeter para a análise por género, verifica-se que o 1º e 2º item são os mesmos (“cultura”: ♂=15.6%, ♀=18.2%, e “identifico-me/gosto da população”: ♂=7.9%, ♀=8.2%) apenas divergindo no 3º que para os rapazes é “visitar/conhecer algo novo” com 6.3%, e para as raparigas “ganhar experiência curricular/profissional” com 6.6%.

3.3 Atitudes Push/Pull/Anti-Push/Anti-Pull

3.3.1 Factorização e definição das variáveis

Podem verificar-se no Anexo V, as distribuições das médias das respostas dos sujeitos, a cada uma das questões relativas às proposições 2PAP. Os itens 17 “gostaria

muito de dominar a língua desse país”, 18 “gostaria que os meus filhos fossem perfeitamente bilingues” e 21 “se o meu cônjuge tiver a nacionalidade desse país, aprenderei a sua língua” revelam um grau de acordo geral bastante elevado, mais de 8 na escala de 1 a 10. Ao conjunto destes 22 itens, foi efectuada uma análise factorial. Depois de consultados os resultados e feita a rotação VARIMAX, eliminaram-se as questões 1, 7 e 22, já que não saturavam significativamente no factor respectivo, de modo a obter melhor consistência nos resultados (cf. Tabela 3). Assim se definiram 4 conjuntos de médias, representativas de cada proposição Push, Pull, Anti-Push ou Anti-Pull, baseadas no agrupamento das variáveis que as exprimiam, conforme se constata na tabela 3.

Tabela 3 – Análise factorial dos itens da escala 2PAP.

Questões	Pull ⁸	Anti-Push ³	Push ³	Anti-Pull ³
2. Nesse país os salários são bem melhores do que no meu país.	,849			
3. Considero que as ofertas de emprego nesse país são muito interessantes.	,813			
4. Nesse país as condições de trabalho são bem melhores do que no meu país.	,863			
5. Nesse país as empresas são bem mais dinâmicas e estão de melhor saúde do que no meu país.	,824			
6. Nesse país as formações são bem mais consideradas do que no meu país.	,666			
8. Nesse país não existem problemas de insegurança.				,602
9. Nesse país não é muito difícil aprender a língua.				,644
10. Nesse país, o nível de protecção social não é satisfatório.				,681
11. Nesse país a alimentação não é muito boa.				,510
12. Os diplomas do meu país têm valor elevado.		,706		
13. Acho que as formações dadas no meu país são muito bem consideradas.		,767		
14. No meu país os conteúdos de formação profissional são muito ricos.		,837		
15. No meu país podemos adquirir uma grande competência técnica nas empresas.		,774		
16. No meu país a pedagogia dos professores é muito boa.		,649		
17. Gostaria muito de dominar a língua desse país.			,605	
18. Gostaria que os meus filhos fossem perfeitamente bilingues.			,662	
19. Aos olhos dos empresários, a mobilidade geográfica para esse país é frequentemente uma mais-valia.			,496	
20. Gostaria de mudanças que me trouxessem a sensação de estar nesse país.			,565	
21. Se o meu cônjuge tiver a nacionalidade desse país, aprenderei a sua língua.			,730	
α de Cronbach	,889	,452	,803	,639
Variância explicada ³	3,835	2,911	2,128	1,652
% variância ³	20,185	15,321	11,199	8,693

⁸ Após rotação Varimax;

3.3.2 Distribuição das médias das variáveis 2PAP pela faculdade e género

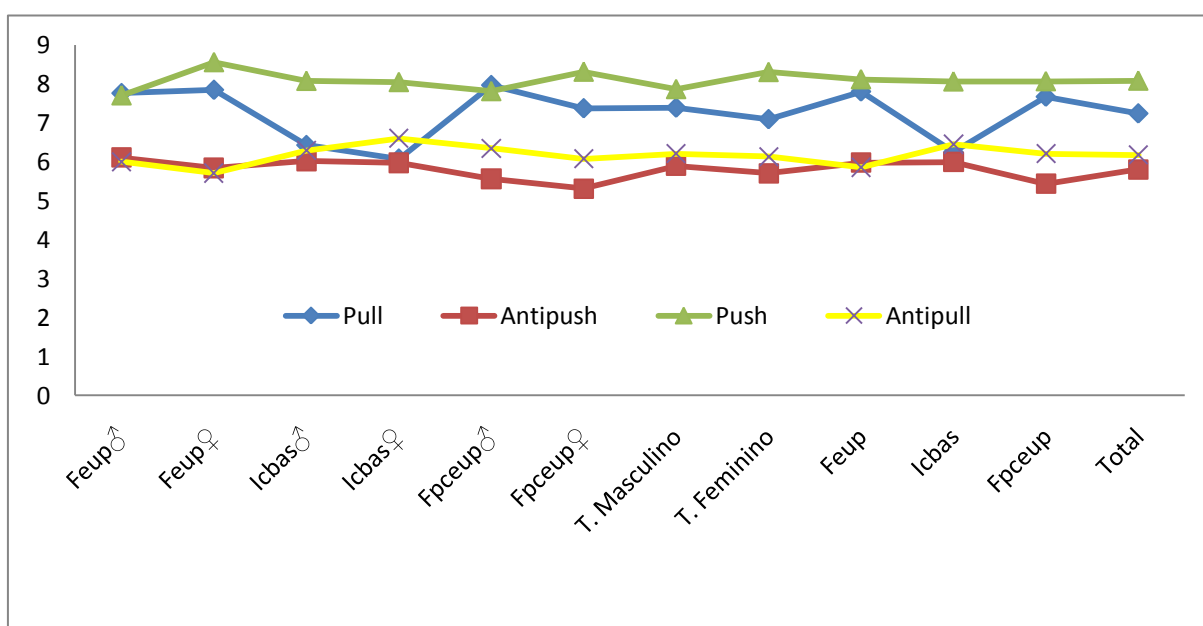


Gráfico 3 - Distribuição das variáveis 2PAP por faculdade e género.

Tal como representado pelo gráfico 3, as atitudes do tipo Push ($m=8.08$, $dp=1.24$) são as mais expressivas globalmente. Seguem-se-lhe, por ordem decrescente, as atitudes Pull ($m=7.24$, $dp=1.83$), Anti-Pull ($m=6.17$, $dp=1.50$) e Anti-Push ($m=5.80$, $dp=1.38$).

3.3.3 Cruzamento das variáveis 2PAP com outras variáveis

Os sujeitos que mostram um bom conhecimento do país, revelam ao mesmo tempo maior percepção de custos e riscos (Anti-Pull) numa mudança (6.4 vs 5.6 ; $F(1,294)=16.89$, $p<.001$). Pelo contrário, para a mesma atitude, os que afirmam ter alguém conhecido no país percebem menos riscos (5.9 vs 6.3 ; $F(1,284)=5.84$, $p<.05$). Aqueles que já trabalharam mostram-se mais de acordo com a atitude Pull que os demais (7.60 vs 7.08 ; $F(1,294)=5.05$; $p<.05$). Observa-se que a variável Anti-Push (vinculação) está positivamente correlacionada com a satisfação com a vida ($r=.175$, $n=294$; $p<.001$), sendo a única motivação que estabelece uma relação significativa com a auto-estima e/ou a satisfação com a vida. Não existem diferenças significativas na comparação com a variável “viver com os pais”.

3.3.4 Análise por faculdade e género

Recorrendo a uma análise de variância e consequente teste Post-hoc de Scheffe, verifica-se que existem diferenças significativas nas variáveis Pull, Anti-Push e Anti-Pull para as faculdades, e no factor Push para o género. Os grupos Feup (7.8) e Fpceup (7.6) expressam maior atitude tipo Pull que o grupo Icbas (6.24) ($F(2,293)=25.47$; $p<.001$). Por

outro lado, os grupos Icbas (5.99) e Feup (5.97) mostram-se mais de acordo com o factor Anti-Push que a Fpceup (5.43) ($F(2,293)=5.45$; $p<.05$). Quanto ao factor Anti-Pull, apenas se regista uma maior aderência por parte do grupo Icbas (6.44) em relação ao Feup (5.85) ($F(2,289)=3.88$; $p<.05$). O factor Push por sua vez, com um $F(2,291)=14.08$; $p<.05$, é uma atitude com maior expressão entre o género feminino (8.29 vs 7.86).

3.4 *Intenção de emigrar*

3.4.1 *Escala de intenção de emigrar*

Tabela 4 – Médias das respostas às questões da escala de intenção de emigrar, por faculdade e género.

	Feup♂	Feup♀	Icbas♂	Icbas♀	Fpceup♂	Fpceup♀	T. Masculino	T. Feminino	Feup	Icbas	Fpceup	Total
26. Irei estudar alguns meses nesse país.	5,0	5,5	5,9	7,0	4,4	5,6	5,1	6,0	5,3	6,5	5,0	5,6
27. Irei trabalhar alguns meses nesse país.	5,6	5,8	5,4	5,0	5,5	5,7	5,5	5,5	5,7	5,2	5,6	5,5
28. Irei estudar alguns anos nesse país.	3,5	3,7	3,9	3,6	3,5	3,8	3,6	3,7	3,6	3,7	3,7	3,7
29. Irei trabalhar alguns anos nesse país.	4,6	4,8	4,3	3,6	5,0	4,9	4,7	4,5	4,7	4,0	4,9	4,6
30. Irei fixar-me muitos anos nesse país.	3,4	3,8	3,4	2,8	3,5	3,8	3,4	3,5	3,6	3,1	3,6	3,4

Verifica-se que a intenção de viver e estudar por vários anos no país, não recolhem a preferência dos sujeitos, ao contrário da intenção de estudar ou trabalhar alguns meses, que se assume como predilecta, ainda que, com valores muito baixos. Dos 3 grupos, o Icbas (6.5) é aquele que revela maior intenção de partir para estudar alguns meses no país (Feup: 5.3, e Fpceup: 5.0, $F(1,297)=7.98$; $p<.001$). De facto, na mesma variável, o sexo feminino mostra maior intenção de estudar temporariamente noutro país (6.0 vs 5.1, $F(1,298)=8.05$; $p<.05$). Existe também, uma diferença significativa na vontade de trabalhar alguns anos noutro país, entre o Icbas e a Fpceup, (4.0 vs 4.9, $F(1,297)=4.34$; $p<.05$).

3.4.2 *Correlações entre as atitudes 2PAP e as variáveis da escala de intenção de emigrar*

Estas variáveis correlacionam-se do seguinte modo com as proposições Push e Pull⁹: A intenção de estudar temporariamente, correlaciona-se apenas com a atitude Pull mas de modo negativo ($r=-.202$, $n=296$; $p<.001$); as intenções de trabalhar alguns meses (Push: $r=.281$, $n=293$; $p<.001$, e Pull: $r=.210$, $n=296$; $p<.001$) e fixar-se muitos anos (Push:

⁹ Não existem correlações significativas com as motivações Anti-Push e Anti-Pull;

$r=.177$, $n=293$; $p<.001$ e Pull: $r=.241$, $n=296$; $p<.001$), correlacionam-se com ambas. Quanto à intenção de estudar alguns anos, apresenta um $r=.171$, $n=293$; $p<.001$ para o factor Push, ao passo que trabalhar alguns anos no país se correlaciona com a motivação Pull ($r=.284$, $n=296$; $p<.001$) e Push ($r=.255$, $n=293$; $p<.001$).

3.4.3 A intenção de emigrar temporário/permanente, para trabalhar/estudar

A partir das questões (26 “Irei estudar alguns meses nesse país”; 27 “Irei trabalhar alguns meses nesse país”; 28 “Irei estudar alguns anos nesse país”; 29 “Irei trabalhar alguns anos nesse país” e 30 “Irei fixar-me muitos anos nesse país”) criou-se a variável “intenção”, ao mesmo tempo, associaram-se as questões 26 e 27 ($r=.39$, $n=300$; $p<.001$) para formar a variável “temporário”; a 28 e 29 ($r=.56$, $n=300$; $p<.001$) originaram a variável “permanente”; as variáveis 27 e 29 ($r=.80$, $n=300$; $p<.001$) formaram “trabalhar” e por fim. a 26 e 28 ($r=.48$, $n=300$; $p<.001$) compuseram “estudar”.

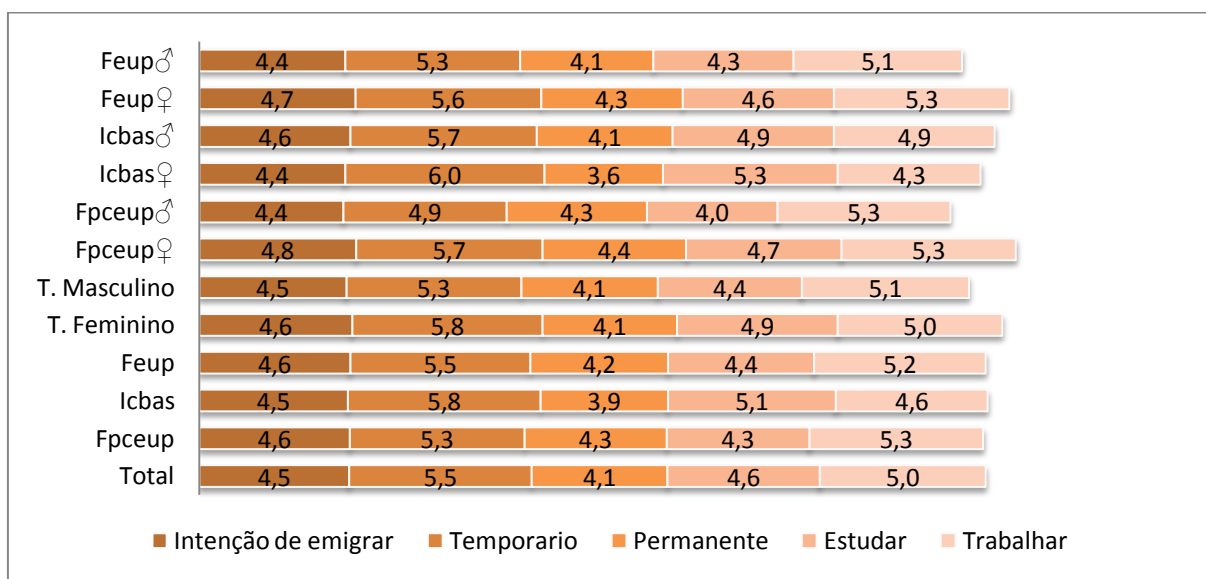


Gráfico 4 – Variáveis de intenção de emigrar temporário/permanente para trabalhar/estudar, por faculdade e género.

Como se pode constatar pelo gráfico, a intenção de emigrar ($m=4.5$, $dp=1.85$) juntamente com as outras variáveis, não se revelam altas, sendo que a temporária se assume como a principal aludida principalmente pelo género feminino ($m=5.8$, $dp=2.07$). Também a vontade de emigrar por motivos de estudo, é preferencial para os sujeitos deste género ($m=4.9$, $dp=2.11$ vs $m=4.4$, $dp=2.34$). Entre faculdades, verifica-se que a intenção de permanecer por vários anos no país, por parte dos grupos, é baixa. De entre os grupos, o Icbas é o que manifesta maior vontade de estudar noutro país ($m=5.1$, $dp=1.92$). Os jovens da Fpceup ($m=5.3$, $dp=2.34$), seguidos de perto pelos da Feup ($m=5.2$, $dp=2.40$), manifestam maior vontade de trabalhar relativamente ao Icbas ($m=4.6$, $dp=2.03$). Note-se que nestas comparações não se verificam diferenças significativas.

3.4.4 Correlações da intenção de emigrar temporário/permanente, para trabalhar/estudar, com outras variáveis

Quanto maior for a atitude do tipo Push em relação às demais, maior é a vontade de emigrar temporariamente ($r=.183$, $n=293$; $p<.001$) ou estudar ($r=.120$, $n=293$; $p<.05$) noutro país. As intenções de emigrar (Push: $r=.237$, $n=293$; $p<.001$, e Pull: $r=.140$, $n=296$; $p<.05$), trabalhar (Push: $r=.283$, $n=293$; $p<.001$, e Pull: $r=.205$, $n=296$; $p<.001$), e ficar alguns anos no país (Push: $r=.242$, $n=293$; $p<.001$, e Pull: $r=.262$, $n=296$; $p<.001$), correlacionam-se com as variáveis Push e Pull, no entanto, essas correlações são, geralmente, mais fortes para com a primeira. Não existem correlações significativas entre intenção de emigrar e a auto-estima ou satisfação com a vida.

3.4.5 Cruzamento da intenção de emigrar temporário/permanente, para trabalhar/estudar, com outras variáveis

Não existem diferenças significativas na intenção de partir, no que ao conhecimento do país e viver com os pais diz respeito. Os sujeitos que afirmam conhecer alguém no país, mostram-se com maior intenção de trabalhar, que os que não conhecem (5.4 vs 4.8; $F(1,292)=5.57$; $p<.05$). De igual modo, apesar de não ser significativo, também se mostram propensos em emigrar por muitos anos (4.4. vs 3.9; $F(1,292)=3.84$; $p=.051$). Os sujeitos que trabalham/trabalharam mostram maior intenção geral de emigrar (4.9 vs 4.4; $F(1,298)=4.17$; $p<.05$), de emigrar por motivos de trabalho (5.7 vs 4.7; $F(1,298)=10.95$; $p<.001$) e de efectuar um movimento por alguns anos (4.6 vs 3.9; $F(1,298)=6.99$; $p<.05$).

3.5 Distribuição das variáveis 2PAP, de intenção de emigrar temporário/permanente, para trabalhar/estudar, e representação, pelos principais países

3.5.1 Representação dos portugueses no país

Construiu-se a variável “representação” com base na junção das médias das respostas às perguntas 24 “Os portugueses têm melhores condições de vida nesse país” e 25 “Os portugueses são bem-vistos nesse país” ($r=.34$, $n=298$; $p<.001$). No total, a concepção dos sujeitos é positiva, mas não em grande medida ($m=6.39$, $dp=1.38$). Verificam-se correlações positivas desta variável com as atitudes do tipo Pull ($r=.116$, $n=294$; $p<.05$) e Anti-Push ($r=.244$, $n=294$; $p<.001$). A atitude Anti-Pull correlaciona-se de modo negativo por sua vez ($r=-.131$, $n=290$; $p<.05$).

3.5.2 Cruzamento das variáveis com os principais países

Da exploração das médias das variáveis 2PAP, satisfação com a vida, auto-estima, intenção de emigrar temporário/permanente, para trabalhar/estudar e representação, para cada um dos 5 países predilectos dos respondentes, construiu-se a seguinte tabela.

Tabela 5 – Variáveis 2PAP, de auto-estima, satisfação com a vida, intenção de partir e representação, por países preferidos.

País		Pull	Anti- Push	Push	Anti-Pull	Estima	Satisfação	Intenção	Temporário	Permanente	Estudar	Trabalhar	Representa ção
Inglaterra	Média	7,9	5,4	8,4	6,7	4,1	3,7	4,9	5,7	4,6	4,6	5,7	6,1
	dp	1,2	1,2	1,0	1,1	0,8	0,8	2,0	2,4	2,3	2,4	2,3	1,7
EUA	Média	8,2	5,8	8,6	7,4	4,3	3,8	4,4	5,1	4,1	4,4	4,8	6,3
	dp	0,9	1,5	1,0	1,2	0,6	0,7	2,1	2,2	2,2	2,3	2,3	1,5
Brasil	Média	4,4	6,7	7,6	6,8	4,4	4,1	4,3	5,9	3,4	5,2	4,1	7,1
	dp	1,3	1,4	1,6	1,3	0,5	0,6	1,6	1,9	2,1	2,1	2,1	1,7
Itália	Média	6,7	5,7	7,8	5,4	4,1	3,8	4,6	5,8	4,1	5,1	4,8	6,1
	dp	1,1	1,3	1,1	0,8	0,6	0,7	1,9	2,3	2,3	2,0	2,4	1,6
Espanha	Média	7,5	5,8	8,0	5,9	4,3	4,0	4,5	5,5	4,1	4,2	5,3	5,9
	dp	1,1	1,6	1,1	1,1	0,5	0,5	1,8	1,9	2,0	2,2	2,0	1,7

A atitude Pull mostra-se mais forte entre aqueles que elegem os EUA ($m=8.2$, $dp=0.9$), em contraste com o que se observa para o Brasil ($m=4.4$, $dp=1.3$). Refira-se também que, relativamente a este último país, a atitude de vinculação (Anti-Push) a Portugal é maior ($m=6.7$, $dp=1.4$). A intenção de emigrar está mais perto do pólo “não” do que do “sim”, para qualquer um destes países, juntamente com aquela de se efectuar um movimento permanente. Por outro lado, a intenção de ir para um destes países estudar e mormente de ir temporariamente, apresenta-se mais receptiva para o Brasil ($m=5.2$, $dp=2.1$, e $m=5.9$, $dp=1.9$, respectivamente) e Itália ($m=5.1$, $dp=2.0$, e $m=5.8$, $dp=2.3$, respectivamente) a liderarem esse aspecto. Destaca-se ainda, a elevada atitude do tipo Push em relação aos EUA ($m=8.6$, $dp=1.0$) e Inglaterra ($m=8.4$; $dp=1.0$), e a também elevada representação acerca dos portugueses, que os jovens percepcionam existir, no Brasil ($m=7.1$, $dp=1.7$).

Capítulo IV - Discussão de resultados

A discussão dos resultados será feita a 2 níveis. Primeiro constatar-se-ão os resultados gerais, e em segundo lugar, verificar-se-ão as diferenças entre faculdades e género.

4.1 Resultados gerais

4.1.1 Países preferenciais e motivos para a escolha desses países

Da análise dos países mais referenciados pelos sujeitos neste estudo, verifica-se que estes não são exactamente os mesmos das emigrações em massa, e não são estritamente os mesmos das últimas estatísticas migratórias, mas sim, uma mescla dos 2 com a adição da Itália. No entanto, ao comparar com o estudo de Neto (2001), apesar de este se cingir aos países membro da UE e usar outra abordagem, verifica-se que, os países que ali se mostraram mais atractivos (com excepção da França) foram Itália, Espanha e Inglaterra. De resto, a UE mostra-se predilecta e constata-se que para Espanha, Itália e Inglaterra, não existe tanta percepção de custos e riscos (Anti-Pull), como para o Brasil e EUA. O Brasil suscita a maior atitude de vinculação a Portugal, enquanto que os EUA são o país com a economia mais atractiva, e em relação ao qual se percebem maiores diferenças sócio-económicas com Portugal. Da mesma maneira, mostra-se que as razões de ordem económica, não são as principais referidas para a escolha de cada um dos países, nem mesmo quando comparadas entre faculdade e género. De facto, pode extrapolar-se que a cada um, corresponde uma característica principal única (se não se considerar o item cultura, presente em todos). No caso de Inglaterra é o interesse pela língua nativa; para os EUA, o desenvolvimento tecnológico; no Brasil dir-se-ia que o clima; a vontade de visitar ou conhecer Itália, país acerca de qual os respondentes revelam menor conhecimento; e a proximidade que Espanha aufer de Portugal. Para os 2 primeiros países, segundo este prisma, as motivações são coincidentes com aquelas mencionadas pelos jovens no estudo de Neto (1997).

4.1.2 Manifestação das atitudes Push/Pull/Anti-Push/Anti-Pull

As atitudes do tipo Push são as mais fortes no conjunto destas variáveis, particularmente no género feminino. A atitude de atracção por uma economia mais forte (Pull), apresenta-se em segundo lugar, também de forma expressiva. Da correlação positiva destas variáveis com a intenção de emigrar, trabalhar e ficar alguns anos no país, entende-se que existem bastantes razões para emigrar, sendo que as de más ou inadequadas

condições económicas em Portugal, se apresentam mais fortes. Como esperado, as atitudes Anti-Push e Anti-Pull correlacionam-se de maneira negativa com a intenção de emigrar, no entanto não de modo significativo, o que aliado aos valores intermédios na escala das suas médias, permitiria inferir que estas atitudes não são limitadoras dos movimentos migratórios. No entanto, devido ao baixo valor α das suas escalas, esta cogitação não pode ser confirmada.

Constata-se que quanto melhor for a representação que o sujeito tem da presença portuguesa no país, maior é a sua atracção tipo Pull e menor a sua percepção de riscos (Anti-Pull), no entanto também a vinculação a Portugal (Anti-Push) aumenta. Observa-se também que, ter um bom conhecimento do país parece promover uma maior percepção de riscos, ao passo que conhecer alguém nesse país os reduz. A atractividade económica seduz mais os que trabalham ou já trabalharam, do que os restantes.

Na análise de conteúdo, o item cultura destaca-se dos demais por obter uma frequência superior ao dobro do 2º mais citado, no entanto, este é um termo geral cuja decomposição não foi possível no sentido em que grande parte das vezes se apresentava “cru”, com a mesma denominação. Por si só, é responsável para que os factores Pull se sobreponham ao Push nas frequências, quando a sua importância se apresenta ao revés na análise das atitudes 2PAP. De facto, proposições do tipo Push, ocupam as 4 seguintes posições na análise de frequências (excluindo “Outros Pull”).

4.1.3 Expressão das intenções de emigrar

No geral, não se verifica uma alta intenção de emigrar. De facto, esta aproxima-se mais do pólo “não” do que do pólo “sim”. Nem mesmo pela análise desta intenção por país preferido, se constata diferenças. Apenas analisando cada uma das 5 questões relativas à escala de intenção de partir, se pode verificar que existe alguma aversão a viver no país e estudar alguns anos, e que esse tipo de movimento, a acontecer, seria por más condições económicas do país, ao passo que trabalhar alguns anos se apresenta mais verosímil, se esse país atrair o indivíduo. Na eventualidade destes indivíduos migrarem, haverá maior probabilidade de ser para estudar ou trabalhar temporariamente. Ao cruzarmos esta informação pelos países predilectos, verifica-se que a vontade de estudar se associa mais ao Brasil e Itália, enquanto que os restantes se associam em maior medida à vontade de trabalhar. No caso de estudar apenas alguns meses, a força económica do país funciona como repelente, supõe-se que pelos expectáveis altos custos de vida, para um país que apresente uma boa economia. Trabalhar alguns meses ou anos, aparece correlacionado com ambas as atitudes Push e Pull, não fornecendo pistas conclusivas sobre esta relação. No geral, as vontades de trabalhar, ou de efectuar um movimento temporário são aquelas mais passíveis de justificar um movimento, sendo que o facto de conhecer alguém no país,

ou trabalhar/já ter trabalhado, promove maior intenção geral de emigrar. No mesmo sentido, se já houver experiência laboral parece mais fácil um movimento direccionado para trabalhar ou para durar alguns anos.

4.2 Análise comparativa por faculdades e género

4.2.1 Grupo Feup

Os subgrupos da Feup são os mais parecidos entre si. Partilham equivalência na escolha de países, mencionam os mesmos motivos principais nessa eleição e apenas se verifica maior motivação tipo Push no subgrupo Feup♀ que de resto, é transversal a este género. Ao mesmo tempo, este subgrupo mostra a maior motivação do tipo Pull entre os grupos do sexo feminino, contribuindo para que o grupo Feup, tenha a maior média nesta variável. Deste estudo, retira-se que os indivíduos da Feup se mostram interessados em países tecnologicamente avançados e são atraídos pelo desenvolvimento, algo manifesto na maior escolha de países tipicamente associados ao progresso, como a Suécia e Alemanha. Ao mesmo tempo, entre os grupos, são dos que mais se sentem vinculados ao seu país, o que pode explicar a quase nula intenção de emigrar. Esta, a acontecer, terá mais probabilidade de ser temporária e para trabalhar. Ao analisar as médias das respostas às proposições 2PAP, constata-se que os estudantes do grupo Feup não reprovam as capacidades formativas e laborais do seu país¹⁰, mas reconhecem que o movimento para países mais desenvolvidos traria benefícios económicos e formativos¹¹.

4.2.2 Grupo Icbas

O grupo Icbas é o principal eleitor do Brasil enquanto país predilecto. De facto, este país acaba por ser o mais significativo no conjunto do grupo, principalmente pela influência do subgrupo Icbas♀. Os estudantes desta instituição são os que percebem mais custos e riscos num eventual movimento, ao mesmo tempo, mostram, a par dos sujeitos da Feup, maior atitude de vinculação. A atractividade pelo país eleito, é a mais baixa entre os grupos pares. Ao mesmo tempo, e para os mesmos critérios de comparação, verifica-se que as atitudes tipo Push se destacam com maiores valores em relação às restantes, para o grupo Icbas. Tomando isto em conta, e uma vez que a intenção de ir para outro país temporariamente ou para estudar, se apresentam com os maiores valores neste grupo (contrariamente à intenção de trabalhar), pode supor-se que estes estudantes não estão satisfeitos com questões de ensino. No entanto, ao analisar as respostas as proposições

¹⁰ Cf. questões 12, 13, 14 (Anexo V);

¹¹ Cf. questões 2, 3, 4, 5 (Anexo V);

2PAP (Anexo V), os alunos desta instituição são os que atribuem maior valor às formações no seu país¹² pelo que, e confrontando com as motivações para a escolha do país, parece existir maior vontade de alargar experiência e contactar com outros métodos que não se apresentam em Portugal, do que emigrar com intuito de insatisfação com as condições no seu país.

4.2.3 Grupo Fpceup

Ao apreciar os dados para o grupo Fpceup, constata-se que é aqui que existe uma dispersão mais igualitária de preferências, pelos principais países comuns a toda a amostra. No seguimento disso, e apesar de Inglaterra e EUA serem os predilectos, Espanha recolhe uma eleição que não se verifica nos demais grupos. Nas intenções de partir, verifica-se que o subgrupo Fpceup♀, que manifesta maior intenção de emigrar em todos os parâmetros, comparado com o Fpceup♂, privilegia a aquisição de experiência, enquanto que o último, sobrepõe a vontade de conhecer o país. Se se considerar que a atitude de vinculação é menosprezada e a de atracção exacerbada, quando comparadas com outros grupos, a sua associação à maior vontade de emigrar e de trabalhar, neste grupo, pode indicar que será este o mais inclinado para emigrar, em comparação com os demais. Ao aprofundar esta questão pela análise das perguntas às proposições 2PAP, constata-se que as médias das respostas à atracção por outro país, são das maiores¹³, a valoração da formação é inferior¹⁴ e este grupo é o que está menos satisfeito com o seu país¹⁵.

4.2.4 Diferenças de género

Finalmente, na análise por género, verifica-se que os indivíduos do sexo feminino, mencionam maior preferência pelo Brasil, Itália e Espanha, e os do sexo masculino pelos EUA. Os motivos para as escolhas são praticamente os mesmos nos 2 grupos, ainda que em 3º lugar os rapazes mencionem um motivo caracteristicamente mais lúdico, e as raparigas a vontade de enriquecer em experiências curriculares, o que pode ser confirmado pela maior intenção em partir no sentido de estudar, manifesta por este género. Do mesmo modo, os indivíduos pertencentes a este grupo, mostram maior aversão às condições do país e manifestam maior intenção para um movimento temporário, sendo que ao mesmo tempo, valorizam em maior escala a possibilidade de aprender uma nova língua¹⁶.

¹² Cf. questões 6, 12, 13, 14 (Anexo V);

¹³ Cf. questões 2, 3, 4, 5 e 6 (Anexo V);

¹⁴ Cf. questões 6, 12, 13, 14 (Anexo V);

¹⁵ Cf. questão 22 (Anexo V);

¹⁶ Cf. questões 17, 18 e 21 (Anexo V);

Capítulo V - Conclusão

5.1 Conclusão

Apesar de também este estudo se basear nas teorias que estudam a mobilidade em vez da imobilidade (Arango, 2000), não acrescentando conceitos novos significativos ao estudo do: “porque as pessoas não migram”, procura-se contribuir de modo tímido para este tema, ao acrescentar outras variáveis, com a intenção de identificar diferenças que possam caracterizar uns ou outros. O conhecimento das razões e intenções fomentadoras do desejo de migrar, são pertinentes para descortinar as direcções e características dos migrantes, de maneira a perceber as correntes futuras e contribuir para políticas emigratórias mais ajustadas (Kahanec & Zimmermann, 2008). Os resultados sugerem que para esta tipologia de possíveis migrantes, existe um leque próprio de escolha de países, motivações, e propensão para emigrar, que difere ligeiramente, para este estudo, entre proveniência académica.

A partir desta investigação conclui-se que existem 5 países predilectos, liderados pela Inglaterra no geral, e pelo Brasil no caso particular do grupo Icbas, que recolhem a preferência dos visados. A atracção pelos países europeus em geral, é significativamente maior, apoiada pela menor percepção de riscos num movimento para este espaço. Em comparação com o estudo de Mullet & Neto (2000), também não se verificou uma elevada intenção de emigrar, e os factores económicos não se mostraram pertinentes. De facto, pode assumir-se que as principais motivações na ordem de emigrar estão mais associadas ao enriquecimento de experiências que a melhoramento económico. No confronto com os estudos de Neto (1997), verifica-se que a Inglaterra e os EUA são eleitos pelas mesmas razões, e que os jovens também manifestam um comportamento vinculativo importante. Constatou-se pelos valores das motivações Push, que os sujeitos exprimem um elevado descontentamento com algumas condições em Portugal, ao mesmo tempo que, de forma menos entoada, se mostram atraídos por outros países. Em menor grau, mas de modo não negligenciável, também a percepção de riscos e a vinculação ao país se mostraram influentes nas intenções, não sendo no entanto, justificadoras da não intenção de emigrar, e como tal não se assumem como diferenciadoras de comportamentos migrantes, neste estudo. Do mesmo modo, a satisfação com a vida e a auto-estima, não se apresentam como diferenciadoras de intenções como se esperava, ainda que a primeira aumente o comportamento de vinculação ao país. A maior vontade de emigrar em termos temporários e para estudar, no geral, pode ser indicadora da intenção de um movimento no âmbito dos programas de mobilidade, (já que para estas motivações, o Brasil e a Itália recolhem as preferências e são países tipicamente atractivos neste tipo de programas) ou da intenção de prosseguir o percurso formativo noutro país. Encontrou-se também, um efeito significativo

de variáveis relacionadas com a existência de ligações sociais no país ao constatar-se que, aqueles que têm alguém conhecido no país, percebem menos riscos num movimento e se mostram com maior vontade de emigrar para trabalhar, como prevê a perspectiva da rede emigratória.

Se por um lado, a intenção de emigrar não se mostra alta e não se apresenta de modo a beneficiar um movimento que traria novas dinâmicas à economia do país, por outro, os vários tipos de intenção correlacionam-se de modo variável com as atitudes Push e Pull, principalmente entre a intenção de trabalhar e a motivação do tipo Push. No seguimento desta relação, pode prever-se que, na eventualidade de haver um movimento migratório por parte de profissionais bem qualificados, será com maior probabilidade, por motivos de más condições no país. Neste caso, e numa perspectiva histórica cíclica, caso as condições que pautaram a sua saída não se alterem de modo a justificar o regresso, o país não beneficiará com essa saída em termos de capital humano adquirido e perspectivas empreendedoras, como referem Daugeliene et al. (2009), Groot & Gibbons (2007) e Ostergaard-Nielsen (2003).

Contudo, ao analisar as estatísticas derivadas da análise pelas faculdades, verificam-se resultados divergentes. Por um lado, o grupo Feup parece justificar um eventual movimento pela atracção ao desenvolvimento tecnológico, de modo temporário e para trabalhar. Ao valorizarem algumas capacidades do seu país, nomeadamente a nível de formação, e a manifestarem um dos maiores comportamentos vinculativos da amostra, pode retirar-se que o seu eventual movimento seria benéfico, pois é baseado na aquisição de competências e ao mesmo tempo conta com ligações vinculativas ao país de origem. Por seu lado, o grupo Icbas, apresenta-se motivado para o contacto com outras realidades de modo mormente temporário e para estudar. Este grupo mostra os menores níveis de intenção de emigrar e de trabalhar noutro país, o que aliado ao alto comportamento vinculativo que apresenta, o caracteriza como aquele com menor probabilidade de efectuar um movimento permanente para outro país, podendo os indivíduos deste grupo, deste modo, contribuir como portadores de conhecimento e experiência para o seu país. Pelo contrário, o grupo Fpceup, neste estudo, caracteriza-se como o mais insatisfeito com as condições do seu país, no geral, e com o menor comportamento vinculativo. Como decorrente da sua maior inclinação para emigrar e trabalhar noutro país, pode afirmar-se que este é o mais propenso entre os pares, para efectuar um movimento migratório.

As diferentes vontades e perspectivas de emigrar, podem ser resultado de uma percepção diversa do investimento no capital humano, e como tal, reflectir quer a vontade de investir noutras áreas/aprofundar as mesmas, ou a procura de uma melhor recompensa para o seu investimento no capital humano, como expõem Stark & Taylor (1991).

5.2 Reflexão final

Com este estudo, sondou-se uma amostra pertencente a uma população que pode contribuir para o desenvolvimento do país ou ser um elemento na perda de recursos. Ainda assim, as elações retiradas não se podem extrapolar para a generalidade dos estudantes do ensino superior, uma vez que a amostra não foi, intencionalmente, representativa desta população. Contudo, permite verificar que existem diferenças consoante a formação de fundo, e que existe algum descontentamento pelas condições actuais do país, acompanhado por uma menor intensidade de comportamento vincutivo. Ao mesmo tempo, testou uma estrutura de investigação cuja melhor herança, será o seu melhoramento e até eventual substituição por outra(s), que abranjam de um melhor e empiricamente mais significativo modo, o fenómeno.

Na investigação por questionário, surgiu uma dificuldade que prejudicou as análises estatísticas, relacionada com a colocação de questões com dupla negação¹⁷, o que por sua vez, interferiu na consistência. Por outro lado, foram colocadas questões que não foram tidas em consideração na análise, como aquelas relacionadas com a crença e prática religiosa. Na análise de conteúdo, verificou-se que o termo “cultura” amealhou demasiadas respostas comparativamente com as restantes, no entanto, isto deveu-se principalmente ao facto de se apresentar escrito desta forma e não pela conjugação de várias respostas distintas numa só categoria.

Como sugestões subsequentes à investigação, menciona-se a necessidade de explorar melhor o factor temporário vs permanente, uma vez que, num período em que a migração circular se torna um fenómeno de importância crescente, o temporário não é indicador de que o regresso seja feito para o país de origem. Também será necessário destringir os movimentos de carácter lúdico, daqueles motivados pela vontade de estudar ou trabalhar noutro país. Ao mesmo tempo, e uma vez que não se encontraram diferenças significativas na auto-estima e satisfação com a vida na amostra, devem incluir-se outras variáveis psico-métricas de maneira a explorar outros campos que possam ser fomentadores ou não da intenção de emigrar (cf. Boneva et al., 1998). Na mesma linha e uma vez que a migração se pode resumir ao movimento ponderado entre os riscos e ganhos decorrentes, a deslocação será feita de maneira a potenciar o melhor resultado do confronto entre estes dois factores. Sendo assim, a análise da capacidade para correr riscos, deverá ser também uma variável exploratória a ter em conta em futuros estudos.

¹⁷ Cf. questões 7, 8, 9, 10, 11, 31 e 32 (Anexo V).

Referências Bibliográficas

- Arango, J. (2000). Explaining migration: A critical view. *International Social Science Journal*, 52, 283-296.
- Arroteia, J. (1985). *Atlas da emigração portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração/Centro de Estudos.
- Arroteia, J. (1998). Desenvolvimento cultural e emigração: Novas tendências, velhos desafios. In Jorge Carvalho Arroteia & Pierre-André Doudin (orgs.), *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: Questões multiculturais e de integração* (15-23). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boneva, B., Frieze, I., Ferligoj, A., Pauknerová, D., & Orgocka, A. (1998). Achievement, power, and affiliation motives as clues to (e)migration desires: A four-countries comparison. *European Psychologist*, 3, 247-254.
- Cattafi-Maurer, G., Abriel, G., Dasen, P. R., Lack, C., & Perregaux, C. (1998). Viver em precariedade: O acesso a uma formação profissional dos jovens portugueses com estatuto precário. In Jorge Carvalho Arroteia & Pierre-André Doudin (orgs.), *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: Questões multiculturais e de integração* (183-203). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, F. R. (1973). *Emigração: Fatalidade irremediável?* Lisboa: Editorial República.
- Daugeliene, R., & Marcinkeviciene, R. (2009). Brain circulation: Theoretical considerations. *Engineering Economics*, 63, 49-57.
- de Gómez Rubio, J., Allué, M., & Mullet, E. (2002). Studying, working, and living in another EU country: Spanish youth's point of view. *Journal of European Integration*, 24, 53-67.
- Esteves, M. C. (1991). *Portugal, país de imigração*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Eurostat (2010). *Population, aged 15 to 74 years by sex, age groups and highest level of education attained. FS series - Detailed quarterly survey results (from 1998)*. Luxemburg: European Commission.
http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/employment_unemployment_lfs/data/database
Retirado a 2 de Agosto de 2010.
- Garcia, J. L. (1998). *Emigração portuguesa: Uma breve introdução*. Lisboa: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

- Greenwood, M. J. (2005). Modeling migration. In *Encyclopaedia of Social Measurement*, (Vol.2), 725-734. San Diego: Academic Press
<http://books.google.pt/books?id=6YUR4QSNDbUC&pg=PP18&lpg=PP18&dq=The+world+m#v=onepage&q&f=true>
 Retirado a 5 de Junho de 2010.
- Groot, M., & Gibbons, P. (2007). Diasporas as “agents of development”: Transforming brain drain into brain gain? The dutch example. *Development in Practice*, 17, 445-450.
- Instituto Nacional de Estatística (2003). *Estatísticas migratórias – Emigração*. Lisboa: INE.
- IOM (2003). *World migration 2003. Managing migration. Challenges and responses for people on the move*. Geneva: International Organization for Migration, United Nations.
- Kahanec, M., & Zimmermann, K. F. (2008). Migration and globalization: Challenges and perspectives for the research infrastructure. *IZA, DP 3890*, 1-12.
<http://ftp.iza.org/dp3890.pdf>
 Retirado a 5 de Março de 2010.
- Kaplan, H. B. (1982). Prevalence of the self-esteem motive. In Morris Rosenberg & Howard B. Kaplan (orgs.), *Social psychology of the self-concept* (139-151). Illinois: Harlan Davidson.
- López-Trigal, L. (1998). La integración escolar y profesional de los portugueses residentes en España. In Jorge Carvalho Arroteia & Pierre-André Doudin (orgs.), *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: Questões multiculturais e de integração* (113-122). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Massey, D.S. & España, F.G. (1987). The social process of international migration. *Science*, 237, 733-738.
- Mincer, J. (1978). Family migration decisions. *The Journal of Political Economy*, 86, 749-773.
- Mullet, E., & Neto, F. (2000). Estudar e trabalhar noutro país da União Europeia: Perspectiva dos jovens portugueses. *Psicologia, Educação, Cultura*, 4, 199-217.
- Mullet, E., Dej, V., Lemaire, I., Raiff, P., & Barthorpe, J. (2000). Studying, working and living in another EU country: French youth's point of view. *European Psychologist*, 5, 216-227.
- Neto, F. (1993). The satisfaction with life scale: Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22, 125-134.
- Neto, F. (1997). *Estudos de psicologia intercultural. Nós e outros*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica.
- Neto, F., Barros, J., e Barros, A. (1990). “Satisfação com a vida”. In Leandro S. Almeida, Rui A. Santiago, Pedro Silva, Orlando Caetano & João Marques (orgs.), *A acção educativa: Análise psico-social* (91-100). Leiria: ESEL/APPORT

- Ostergaard-Nielsen, E. (2003). *International migration and sending countries. Perceptions, policies and transnational relations*. London: Palgrave Macmillan.
- Pavot, W., Diener, E., Colvin, C.R., & Sandvik, E. (1991). Further validation of the satisfaction with life scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. *Journal of Personality Assessment*, 57, 149-161.
- Peixoto, J. (1993). Migrações e mobilidade: As novas formas da emigração portuguesa a partir de 1980. In Nizza da Silva, Ioannis Baganha, Maria José Maranhão, e Míriam Halpern Pereira (orgs.), *Emigração/imigração em Portugal: Actas do colóquio Internacional sobre emigração e imigração em Portugal (séculos XIX e XX)* (278-307). Lisboa: Fragmentos.
- Peixoto, J. (2001). A mobilidade dos cérebros, *Janus 2001 – Anuário de Relações Exteriores*, Público/UAL, 134-135.
- Pereira, Á. S. (2010). A grande debandada. *Revista Visão*, 901, 58-62.
- Pereira, M. H. (1993). Liberdade e contenção na emigração portuguesa. In Nizza da Silva, Ioannis Baganha, Maria José Maranhão, e Míriam Halpern Pereira (orgs.), *Emigração/imigração em Portugal: Actas do colóquio internacional sobre emigração e imigração em Portugal (séculos XIX e XX)* (9-16). Lisboa: Fragmentos.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ravenstein, E. (1889). The laws of migration. *Journal of Statistical Society*, 52, 214-301.
- Rocha-Trindade, M. B. (1992). *O Fenómeno da emigração em Portugal*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tecnológica.
- Romano, A., Negreiros, J., Martins, T. (2007). Contributos para a validação da escala de auto-estima de Rosenberg numa amostra de adolescentes da região interior norte do país. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 109-116.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.
- Rosenberg, M. (1992). The self concept: Social product and social force. In Morris Rosenberg & Ralph H. Turner (orgs.), *Social psychology: Sociological perspectives* (593-624). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Santos, P., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 8, 253-268.

- Schultz, T. (1993). The economic importance of human capital in modernization. *Education Economics*, 1, 13.
- Serrão, J. (1982). *A emigração portuguesa: Sondagem histórica* (4ª edição), Lisboa: Horizonte.
- Sjaastad, L. A. (1962). The costs and returns of human migration. *The Journal of Political Economy*, 70, 80-93.
- Stark, O., & Taylot, J. (1991). Migration incentives, migration types: The role of relative deprivation. *The Economic Journal*, 101, 1163-1178.
- Straubhaar, T. & Zimmermann, K. F. (1993). Towards a european migration policy. *Population Research and Policy Review*, 12, 225-241.
- Sutherland, W. J. (1996). *From individual behaviour to population ecology*. New York: Oxford University Press.
- Todaro, M.P. (1976). *International migration in developing countries*. Geneva: International Labor Office.
- Whittaker, R. H. (1975). *Communities and ecosystems* (2ª edição). New York: Macmillan Publishing Co., Inc.
- Zimmermann, K. F. (1995). European migration: Push and pull. *Proceedings of the World Bank Annual Conference on Development Economics 1994, supplement to the World Bank Economic Review and the World Bank Research Observer*, 313-342.

Anexos

Anexo I – Questionário

Este questionário é constituído por 5 grupos, e incide sobre as intenções de mobilidade geográfica dos jovens portugueses para um outro país europeu ou um país não europeu. Peço-lhe que responda com base na sua opinião. Toda a informação aqui recolhida é confidencial e será usada apenas no âmbito de uma investigação para dissertação, no Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Por favor, leia com atenção e responda a todas as questões.

I

Pense num certo país em que deseje passar um certo tempo para estudar ou trabalhar lá. Não é necessário que esteja completamente seguro(a) de ir para lá. É suficiente que tenha a intenção, mesmo sendo uma intenção vaga. Deve dar uma só resposta.

Em que país pensa?

II

Relativamente a esse país, pedimos-lhe que responda às seguintes questões:

Qual é a capital desse país?

Qual é a população (aproximada) desse país?

Qual/Quais é/são, a(s) língua(s) oficial/oficiais desse país?

Qual é para si a pessoa mais famosa desse país?

Tem alguém conhecido nesse país?

Sim ☐

Não ☐

III

Seguem-se questões em que lhe pedimos que indique a sua opinião numa escala que varia entre 1 “Completamente falso” e 10 “Completamente verdade”.

1. Esse país é um país que me satisfaz bastante.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

2. Nesse país os salários são bem melhores do que no meu país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

3. Considero que as ofertas de emprego nesse país são muito interessantes.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

4. Nesse país as condições de trabalho são bem melhores do que no meu país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

5. Nesse país as empresas são bem mais dinâmicas e estão de melhor saúde do que no meu país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

6. Nesse país as formações são bem mais consideradas do que no meu país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

7. Esse país não tem boas comunicações com o meu país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

8. Nesse país não existem problemas de insegurança.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

9. Nesse país não é muito difícil aprender a língua.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

10. Nesse país, o nível de protecção social não é satisfatório.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

11. Nesse país a alimentação não é muito boa.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

12. Os diplomas do meu país têm valor elevado.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

13. Acho que as formações dadas no meu país são muito bem consideradas.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

14. No meu país os conteúdos de formação profissional são muito ricos.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

15. No meu país podemos adquirir uma grande competência técnica nas empresas.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

16. No meu país a pedagogia dos professores é muito boa.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

17. Gostaria muito de dominar a língua desse país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

18. Gostaria que os meus filhos fossem perfeitamente bilingues.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

19. Aos olhos dos empresários, a mobilidade geográfica para esse país é frequentemente uma mais-valia.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

20. Gostaria de mudanças que me trouxessem a sensação de estar nesse país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

21. Se o meu conjugue tiver a nacionalidade desse país, aprenderei a sua língua.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

22. Portugal é um país que me satisfaz bastante.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

24. Os portugueses têm melhores condições de vida nesse país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

25. Os portugueses são bem-vistos nesse país.

Completamente
falso

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Completamente
verdade

De seguida é a sua intenção real de ir algum tempo para esse país que lhe é pedida para avaliar.

26. Irei estudar alguns meses nesse país.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

27. Irei trabalhar alguns meses nesse país.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

28. Irei estudar alguns anos nesse país.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

29. Irei trabalhar alguns anos nesse país.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

30. Irei fixar-me muitos anos nesse país.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

31. Não tenho nenhuma intenção de ir estudar para fora de Portugal.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

32. Não tenho nenhuma intenção de ir trabalhar para fora de Portugal.

Seguramente
que não

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Muito
provavelmente

IV

Em que medida se aplicam ao modo como pensa acerca de si e da sua vida, as afirmações seguintes:

		Fortemente em desacordo	Algum desacordo	Neutro	Algum acordo	Fortemente de acordo
1.	Globalmente, estou satisfeito(a) comigo.	[]	[]	[]	[]	[]
2.	Às vezes penso que não presto para nada.	[]	[]	[]	[]	[]
3.	Sinto que tenho boas qualidades.	[]	[]	[]	[]	[]
4.	Sou capaz de fazer coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.	[]	[]	[]	[]	[]
5.	Sinto que não tenho muito de que me orgulhar.	[]	[]	[]	[]	[]
6.	Sinto-me, por vezes, verdadeiramente inútil.	[]	[]	[]	[]	[]
7.	Julgo que tenho, pelo menos, tanto valor como os outros.	[]	[]	[]	[]	[]
8.	Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).	[]	[]	[]	[]	[]
9.	No final de contas, sou levado(a) a pensar que sou um(a) falhado(a).	[]	[]	[]	[]	[]
10.	Posso dizer que tenho estima por mim próprio(a).	[]	[]	[]	[]	[]

		Fortemente em desacordo	Algum desacordo	Neutro	Algum acordo	Fortemente de acordo
11.	Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.	[]	[]	[]	[]	[]
12.	As condições da minha vida são excelentes.	[]	[]	[]	[]	[]
13.	Estou satisfeito(a) com a minha vida.	[]	[]	[]	[]	[]
14.	Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida.	[]	[]	[]	[]	[]
15.	Se pudesse viver a minha vida de novo, não mudaria quase nada.	[]	[]	[]	[]	[]

V

Sexo: M ☐ F ☐ Idade: _____

Faculdade: _____

Curso: _____ Ano: _____

É crente? (do ponto de vista religioso) Sim ☐ Não ☐

É praticante? Sim ☐ Não ☐

Vive com os seus pais? Sim ☐ Não ☐

Tem ou já teve algum emprego? Sim ☐ Não ☐

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo II – Frequências dos países eleitos

Países	Feup			Icbas			Fpceup			Totais gerais			
	Feup♂	Feup♀	Total Feup	Icbas♂	Icbas♀	Total Icbas	Fpceup♂	Fpceup♀	Total Fpceup	Total Mas.	Total Fem.	Total	Total (%)
Suécia	5	3	8	2	0	2	0	0	0	7	3	10	3,3
EUA	9	6	15	11	3	14	13	5	18	33	14	47	15,7
Inglaterra	11	14	25	10	11	21	14	12	26	35	37	72	24,0
Angola	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0,3
Alemanha	4	2	6	0	0	0	2	0	2	6	2	8	2,7
Brasil	4	3	7	10	18	28	0	6	6	14	27	41	13,7
Roménia	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0,3
Dinamarca	2	2	4	0	0	0	1	0	1	3	2	5	1,7
Itália	3	7	10	6	9	15	6	9	15	15	25	40	13,3
Holanda	3	2	5	1	0	1	0	0	0	4	2	6	2,0
Polónia	2	0	2	1	0	1	0	0	0	3	0	3	1,0
República da Irlanda	2	0	2	0	1	1	0	0	0	2	1	3	1,0
Espanha	2	4	6	1	1	2	6	10	16	9	15	24	8,0
Noruega	1	1	2	0	0	0	0	1	1	1	2	3	1,0
Austrália	0	2	2	0	0	0	1	0	1	1	2	3	1,0
Suíça	0	2	2	0	1	1	2	1	3	2	4	6	2,0
República Checa	0	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1	2	0,7
Japão	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,3
Canadá	0	0	0	1	1	2	1	1	2	2	2	4	1,3
França	0	0	0	2	4	6	3	5	8	5	9	14	4,7
Finlândia	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0,3
Hungria	0	0	0	2	0	2	0	0	0	2	0	2	0,7
Cuba	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0,3
Grécia	0	0	0	1	0	1	1	0	1	2	0	2	0,7
Total	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	10	3,3

Anexo III – Frequências e enquadramento das motivações Push e Pull, na questão aberta

Factores Pull	Cultura	Respostas acerca do interesse cultural, como museus, gastronomia, etc.	N= 170 (16.9%)
	Clima	Itens associados ao interesse no clima do país	N= 39 (3.9%)
	Desenvolvimento socioeconómico	Itens relacionados com o melhor ou interessante progresso económico e social naquele país; gosto pela mentalidade característica	N= 33 (3.3%)
	Bons/Melhores salários	Remuneração melhor ou mais interessante	N=15 (1.5%)
	História	Peso e influência histórica do país	N= 19 (1.9%)
	Melhores/boas condições de vida	Respostas que apontem às boas condições de vida que caracterizam o país e a sua população	N= 31 (3.1%)
	Ensino melhor/prestigiante	Itens relativos ao prestígio que estudar em instituições daquele país trazem ao currículo; mais reputado comparativamente a Portugal	N= 44 (4.4%)
	Melhores/boas oportunidades de emprego/carreira	Menção à maior e melhor facilidade em construir uma carreira ou encontrar um emprego no país	N= 29 (2.9%)
	Valorização na minha área de estudo	Interesse no país pelas perspectivas de valorização no âmbito da formação académica	N= 48 (4.8%)
	Desenvolvimento tecnológico	Itens relativos à disponibilidade de tecnologias e avanço tecnológico; melhor empreendimento em investigação	N= 42 (4.2%)
	Avançado/ + Avançado que Portugal	Desenvolvido ou mais desenvolvido, de modo geral, quando comparado com Portugal	N= 34 (3.4%)
	Segurança	Respostas que mencionam o sentimento de segurança que país lhe transmite	N= 5 (0.5%)
	Outros factores pull	Itens que não se enquadram em nenhuma das categorias dos FIP	N= 63 (6.3%)
Factores Push	Conhecimento/facilidade da/na língua	Refere que tem conhecimentos da língua do país, ou esta é a mesma que a sua língua nativa	N= 58 (5.8%)
	Já estive no país	Menciona que já estive pelo menos uma vez no país	N= 17 (1.7%)
	Proximidade com Portugal	Referencia à facilidade de comunicação física com Portugal	N= 19 (1.9%)
	Nível de vida mais barato	Vantagens de naquele país se praticarem preços nos produtos mais acessíveis ou iguais aos de Portugal	N= 4 (0.4%)
	Tem/teve família/amigos no país	Menciona que tem alguém próximo que já estive no país	N= 20 (2%)
	Semelhança de cultura	Aponta à semelhança da cultura ou minimização do choque cultural	N= 10 (1%)
	Proximidade com outros países de interesse	Cinge-se a razões de nível geográfico em que existe interesse em países próximos do eleito	N= 5 (0.5%)
	Interesse no idioma	Vontade de aprender ou melhorar o idioma daquele país no próprio país	N= 40 (4%)
	Ganhar experiência curricular/pessoal	Reúne respostas relativas à valorização pessoal e vontade de enriquecer o currículo	N= 53 (5.3%)
	Visitar/Conhecer algo novo	Interesse em ir ao país de visita ou confrontar-se com uma situação nova	N= 60 (6%)
	Estudar/procurar oportunidades ou desafios noutro país	Intenção de ir para o país estudar, fazer Erasmus, ou procurar oportunidades (formação, trabalho, etc.)	N= 24 (2.4%)
	Identifico-me/gosto do país/população	Refere características concordantes entre si e as que se praticam naquele país e/ou pela sua população	N= 81 (8.1%)
	Bons/Melhores aspectos laborais	Citações que apontam para o interesse na mentalidade de trabalho e procedimentos laborais que caracterizam aquele país	N= 13 (1.3%)
	Outros factores push	Itens que não se enquadram em nenhuma das categorias dos FF	N= 31 (3.1%)

Anexo IV – Distribuição de frequências dos itens da resposta aberta pela faculdade e género

Categorias	Feup			Icbas			Fpceup			Totais gerais			
	Feup♂	Feup♀	Total Feup	Icbas♂	Icbas♀	Total Icbas	Fpceup♂	Fpceup♀	Total Fpceup	Total Mas.	Total Fem.	Total	Total (%)
Cultura	28	24	52	29	33	62	22	34	56	79	91	170	16,9%
Clima	3	4	7	11	12	23	2	7	9	16	23	39	3,9%
Desenvolvimento socioeconómico	7	13	20	3	0	3	6	4	10	16	17	33	3,3%
Bons/Melhores salários	5	3	8	1	2	3	3	1	4	9	6	15	1,5%
História	4	2	6	5	3	8	3	2	5	12	7	19	1,9%
Melhores/boas condições de vida	6	6	12	4	6	10	6	3	9	16	15	31	3,1%
Ensino melhor/prestigiante	8	6	14	8	8	16	8	6	14	24	20	44	4,4%
Melhores/boas oportunidades de emprego/carreira	4	8	12	1	1	2	7	8	15	12	17	29	2,9%
Valorização na minha área de estudo	6	4	10	11	13	24	5	9	14	22	26	48	4,8%
Desenvolvimento tecnológico	11	5	16	13	7	20	6	0	6	30	12	42	4,2%
Avançado/ + Avançado que Portugal	6	8	14	5	5	10	5	5	10	16	18	34	3,4%
Segurança	1	1	2	3	0	3	0	0	0	4	1	5	0,5%
Outros factores pull	10	8	18	12	16	28	9	8	17	31	32	63	6,3%
Conhecimento/facilidade da/na língua	5	4	9	15	13	28	10	11	21	30	28	58	5,8%
Já esteve no país	1	1	2	3	1	4	6	5	11	10	7	17	1,7%
Proximidade com Portugal	1	2	3	3	2	5	5	6	11	9	10	19	1,9%
Nível de vida mais barato	2	0	2	1	1	2	0	0	0	3	1	4	0,4%
Tem/teve família/amigos no país	0	3	3	3	3	6	6	5	11	9	11	20	2,0%
Semelhança de cultura	3	0	3	2	2	4	2	1	3	7	3	10	1,0%
Proximidade com outros países de interesse	1	0	1	1	1	2	1	1	2	3	2	5	0,5%
Interesse no idioma	5	8	13	6	4	10	6	11	17	17	23	40	4,0%
Ganhar experiência curricular/pessoal	11	9	20	8	10	18	1	14	15	20	33	53	5,3%
Visitar/Conhecer algo novo	7	4	11	12	14	26	13	10	23	32	28	60	6,0%
Estudar/procurar oportunidades ou desafios noutro país	3	3	6	0	5	5	8	5	13	11	13	24	2,4%
Identifico-me/gosto do país/população	6	8	14	13	15	28	21	18	39	40	41	81	8,0%
Bons/Melhores aspectos laborais	4	0	4	3	2	5	3	1	4	10	3	13	1,3%
Outros factores push	3	2	5	8	7	15	7	4	11	18	13	31	3,1%
Total	151	136	287	184	186	370	171	179	350	79	91	1007	100,0%

Anexo V – Médias e diferenças significativas nas questões do questionário 2PAP

Questões	Feup			Icbas			Fpceup			Totais		
	Feup♂	Feup♀	Total Feup	Icbas♂	Icbas♀	Total Icbas	Fpceup♂	Fpceup♀	Total Fpceup	Total Mas.	Total Fem.	Total
1. Esse país é um país que me satisfaz bastante.	7,62	7,88	7,75	8,10	7,78	7,94	7,94	7,58	8,00	8,05	7,75	7,90
2. Nesse país os salários são bem melhores do que no meu país.	8,24	8,22	8,23 ⁴	6,42	5,94	6,18 ⁴	6,18	7,64	8,17 ⁴	7,79	7,26	7,53
3. Considero que as ofertas de emprego nesse país são muito interessantes.	7,92	7,96	7,94 ⁵	6,88	6,38	6,63 ⁵	6,63	7,50	7,76 ⁵	7,61	7,28	7,44
4. Nesse país as condições de trabalho são bem melhores do que no meu país.	7,84	7,80	7,82 ⁶	6,22	5,86	6,04 ⁶	6,04	7,30	7,61 ⁶	7,33	6,99	7,16
5. Nesse país as empresas são bem mais dinâmicas e estão de melhor saúde do que no meu país.	7,60	7,92	7,76 ⁷	6,46	6,06	6,26 ⁷	6,26	7,10	7,40 ⁷	7,25	7,02	7,14
6. Nesse país as formações são bem mais consideradas do que no meu país.	7,20	7,22	7,21 ⁸	6,41	6,14	6,27 ⁸	6,27	7,14	7,32 ⁸	7,03	6,83	6,93
7. Esse país não tem boas comunicações com o meu país	4,04	3,63	3,84	3,24	3,10	3,17	3,17	3,46	3,57	3,65	3,40	3,53
8. Nesse país não existem problemas de insegurança.	7,02	6,60	6,81 ⁹	7,86	8,43	8,14 ⁹	8,14	7,22	7,56 ⁹	7,59	7,41	7,50
9. Nesse país não é muito difícil aprender a língua.	4,24	3,70	3,97	3,62	3,00	3,31	3,31	3,26	3,49	3,86	3,32	3,59
10. Nesse país, o nível de protecção social não é satisfatório.	6,16	6,60	6,38 ¹⁰	5,54	5,16	5,35 ¹⁰	5,35	6,27	6,10 ¹⁰	5,89	6,00	5,94
11. Nesse país a alimentação não é muito boa.	5,73	6,41	6,07	6,62	7,00	6,81	6,81	6,54	6,21	6,08	6,65	6,37
12. Os diplomas do meu país têm valor elevado.	6,32	5,76	6,04 ¹¹	6,04	6,35	6,19 ¹¹	6,19	5,56	5,50 ¹¹	5,93	5,89	5,91
13. Acho que as formações dadas no meu país são muito bem consideradas.	6,46	6,08	6,27 ¹²	6,42	6,24	6,33 ¹²	6,33	5,30	5,55 ¹²	6,23	5,87	6,05
14. No meu país os conteúdos de formação profissional são muito ricos.	6,08	5,78	5,93 ¹³	6,06	5,94	6,00 ¹³	6,00	5,22	5,37 ¹³	5,89	5,64	5,77
15. No meu país podemos adquirir uma grande competência técnica nas empresas.	6,18	6,14	6,16	6,20	5,86	6,03	6,03	5,38	5,64	6,09	5,79	5,94
16. No meu país a pedagogia dos professores é muito boa.	5,50	5,63	5,57	5,36	5,60	5,48	5,48	5,08	5,11	5,33	5,44	5,38
17. Gostaria muito de dominar a língua desse país.	8,24	9,12	8,68	8,80	8,69	8,75	8,75	9,16	8,94	8,58 ¹	8,99 ¹	8,79
18. Gostaria que os meus filhos fossem perfeitamente bilingues.	8,08	8,86	8,46	8,30	8,98	8,64	8,64	8,84	8,30	8,05 ²	8,89 ²	8,47
19. Aos olhos dos empresários, a mobilidade geográfica para esse país é frequentemente uma mais-valia.	7,42	7,82	7,62	7,46	7,08	7,27	7,27	7,50	7,43	7,41	7,47	7,44
20. Gostaria de mudanças que me trouxessem a sensação de estar nesse país.	7,00	7,62	7,31	7,28	7,08	7,18	7,18	7,48	7,24	7,09	7,39	7,24

21.Se o meu cônjuge tiver a nacionalidade desse país, aprenderei a sua língua.	7,76	9,06	8,39	8,52	8,37	8,44	8,44	8,56	8,43	8,19 ³	8,66 ³	8,42
22.Portugal é um país que me satisfaz bastante	6,62	6,40	6,51 ¹⁴	7,38	6,82	7,10 ¹⁴	7,10	6,20	6,31 ¹⁴	6,81	6,47	6,64

Variância entre género:

17¹ – F(1,297)=3.97; p<.05

18² - F(1,296)=15.37; p<.05

21³ - F(1,294)=3.93; p<.05

Variância entre faculdade*:

2⁴ – F(2,296)=22.41; p<.001 (Icbas<Fpceup e Feup)

3⁵ – F(2,296)=14.23; p<.001 (Icbas<Fpceup e Feup)

4⁶ – F(2,297)=22.69; p<.001 (Icbas<Fpceup e Feup)

5⁷ – F(2,296)=15.62; p<.001 (Icbas<Fpceup e Feup)

6⁸ – F(2,294)=7.56; p=.001 (Icbas<Feup e Fpceup)

8⁹ – F(2,296)=8.87; p<.05 (Feup<Icbas)

10¹⁰ – F(2,294)=7.19; p<.05 (Feup e Fpceup<Icbas)

12¹¹ – F(2,295)=3.42; p<.05 (Fpceup<Icbas)

13¹² – F(2,295)=5.69; p<.05 (Fpceup<Feup e Icbas)

14¹³ – F(2,296)=3.64; p<.05 (Fpceup<Icbas)

22¹⁴ – F(2,297)=4.25; p<.05 (Fpceup<Icbas)

* Após Post-Hoc de Scheffe; resultados por ordem crescente.